
BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

N.º 3 ★ 18-1-51

Cr$ 3,00
em todo o Brasil

A CENA muda

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES



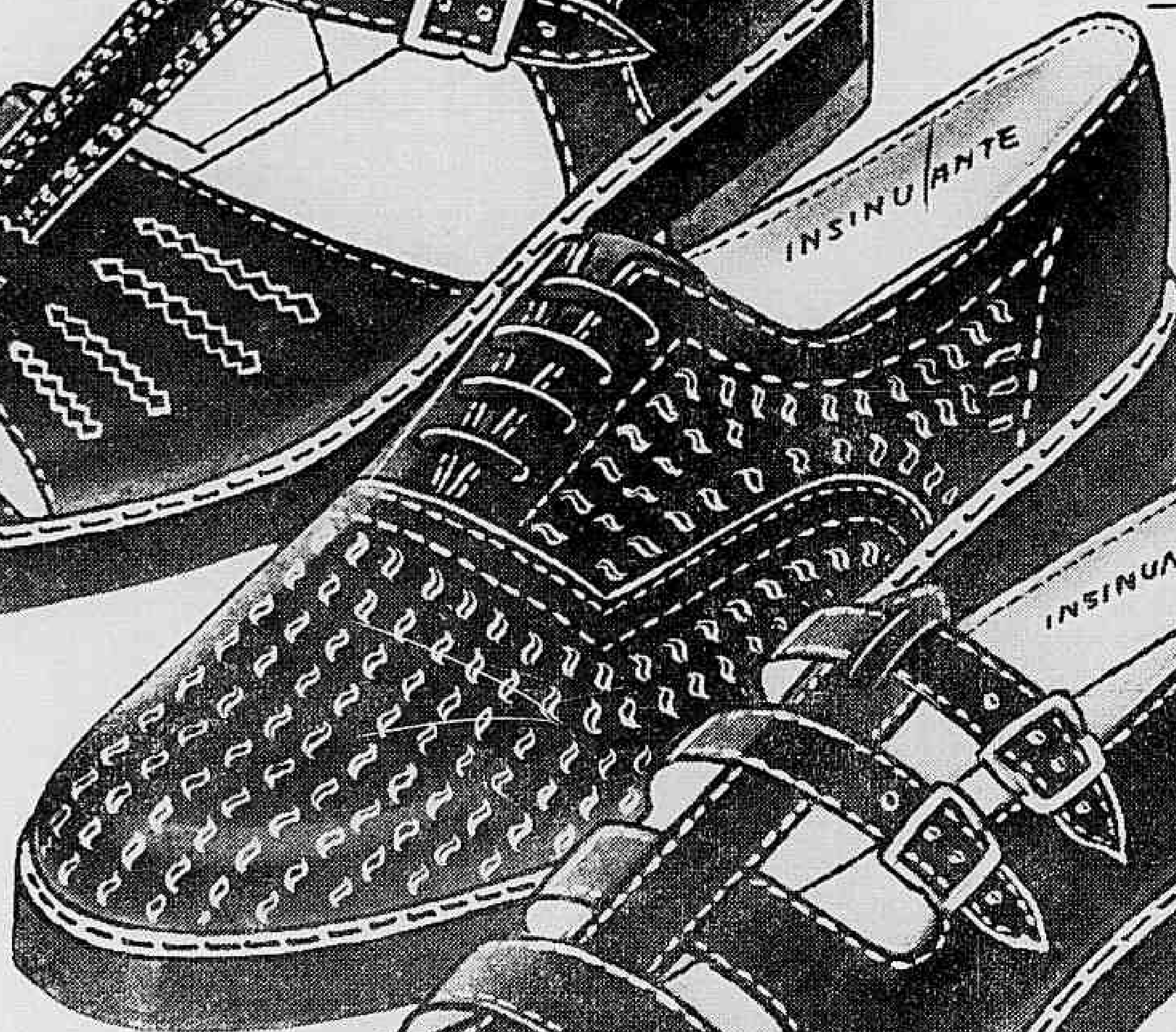
BEM SERVIR

CARACTERISTICO INCONFUNDIVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE !



AT. SEMOG ./.

063



062



061

Uma galeria à sua disposição com água geladinha sempre às suas ordens.

061 CrS 145,00 Superior sapato-sandália, genuinamente másculo, em superior bezerro vinho, com salto de borracha. Núm.: de 36 a 44.

062 CrS 165,00 Ótimo sapato, muito confortável, em superior camurça branca, ou ótimo bezerro vinho ou marron. Sola de borracha atômica de puro latex. Núm.: de 36 a 44.

063 CrS 95,00 — 125,00 e 145,00. Respectivamente de 28 a 33, de 34 a 36 e de 37 a 44. Formidável sapato-sandália em superior bezerro vinho ou beje, com salto de borracha.

Porte para todo o Brasil, 5 cruzeiros.
Não trabalhamos com reembolso.

insinuante

devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

CARIOCA, 46·48 — SETE SETEMBRO, 199·201

A CENA MUDA

ANO 30 ★ Nº 3 ★ 18-1-51

SEMANARIO DE ARTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: Secretaria, 22-4117; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 140,00; Semestral (26 números), Cr$ 70,00. Registrada: Anual, Cr$ 170,00; Semestral, Cr$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 270,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

A Redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados

★

Representante em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69. Telefone: 4-1569

CORRESPONDENTES EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THOMAS KEENE
CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

★

SUMÁRIO:

Rumo a São Paulo (Leon Eliachar) ... 3
Ano musical de 1950 (Sylvio Túlio Cardoso) ... 4
Vida e amores de Franz Waxman (Péricles Leal) ... 6
O amanhã que não virá (cine-romance) ... 10
Morreu o galã de Lana Turner (Sérgio Lobo) ... 12
Rádio-inquérito ... 13
Antologia dos cronistas cinematográficos (Salvyano Cavalcanti de Paiva) ... 14
Ódio satânico (resumo) ... 15
Seu nome é assim ... 16
Bárbara Fuller ... 18
(Close-up) ... 20
Crônica de Buenos Aires (Alberto Conrado) ... 21
Que vem a ser romantismo? (Clélia Clay) ... 22
Coluna do fã ... 24
Sugestão para o carnaval ... 26
Carnaval ... 27
Aprenda a dançar ... 28
Carta ao editor ... 30
Arquivo ... 32
Pausa para meditação ... 34
Mexericos ... 34

CAPA:
SHELLEY WINTERS
(U. International)

CINEMA BRASILEIRO

RUMO A SÃO PAULO

FERNANDO de Barros estêve no Rio. Desmentiu categòricamente qualquer afirmativa quanto à propalada notícia da saída de Cavalcânti da Vera-Cruz. Desmentiu também os boatos de uma provável fusão dessa companhia com a recém-fundada Maristela. Segundo suas palavras, ninguém havia cogitado dêsse assunto, uma vez que ambos os estúdios estão capacitados para produzir fitas de boa qualidade e em grande quantidade. Fernando de Barros declarou ainda que, por hora, limitar-se-á à produção de filmes, tendo iniciado os preparativos de sua primeira película para a Vera-Cruz, inspirada na vida de Zèquinha de Abreu, com o título inevitável de "Tico-Tico no Fubá", sendo Adolfo Celi ("Caiçara") o seu diretor. Os "astros" ainda não foram escolhidos.

★

Enquanto isso, em Pelotas, Rio Grande do Sul, Alberto Cavalcânti produz seu terceiro filme brasileiro: "Ângela", uma vez que "Terra, Sempre Terra" está prestes a ser lançado. "Ângela" tem a assinatura do diretor brasileiro, estreante, Martim, Gonçalves — até agora conhecido como o pintor Eros Gonçalves. O elenco reúne as "estrêlas" de "Caiçara" e "Terra, Sempre Terra", Eliane Lage e Mariza Prado.

★

E os binóculos dos produtores cariocas continuam temerosamente voltados para São Paulo, vendo-se a chegada de Alex Viany, com tôda sua babagem, aos estúdios da Maristela, onde se acha, contratado por um ano, como cenarista e diretor. Pelo visto, sua filhinha Elisabeta, de três meses de idade, será criada, como o papai, numa atmosfera cinematográfica — e é bem possível que dentro de alguns anos surja um novo contrato: Elisabeta será "estrêla" e papai Alex... empresário.

★

E, por falar em Maristela, sabemos que os binóculos de São Paulo estão também focados para o Rio, conseguindo aproximar dois dos mais conceituados humoristas cariocas: Vão Gôgo e Max Nunes. O primeiro já estêve em confabulações com Mário Civélli, o maioral da Companhia (em tamanho e autoridade), nada ficando estabelecido de positivo. Quanto ao segundo, já é quase certa a produção de um filme baseado em seu programa de rádio "Edifício Balança Mas Não Cai".

★

Tônia Carrero, que se revelou em "Quando a Noite Acaba" (cujo título em São Paulo foi "Perdida pela Paixão"), acha-se também contratada pela Vera-Cruz. Seu primeiro filme é ainda segrêdo. Por outro lado, seu marido, Carlos Thiré, assinou contrato com a mesma emprêsa como cenógrafo.

★

Não só na crítica carioca os produtores paulistas estão buscando futuros cineastas. A Bandeirantes, uma companhia que promete estender suas atividades nos próximos meses, teve a inteligência de atrair Carlos Ortiz, que, como cenarista e diretor, está terminando seu primeiro filme, "Alamêda da Saudade", quase inteiramente rodado em Santos.

★

Procópio Ferreira e Henriette Morineau deverão estar em São Paulo em março próximo, para estrelar uma versão cinematográfica de "O Comprador de Fazendas", o célebre conto de Monteiro Lobato.

★

Diante disso, que as companhias cariocas tomem cuidado com seus poucos valores, pois os binóculos de São Paulo são de grande alcance e folheados a ouro, o que torna a visão mais nítida e atraente. E, segundo um invite da Maristela, o autor destas notas também foi convidado para uma visita a êsses grandes estúdios. E, pelo jeito que as coisas andam, talvez fique por lá também...

leon eliachar



GREGÓRIO BARRIOS
Ainda o bolerista nº 1.



GEORGE SHEARING
Defendeu o prestígio do jazz moderno.



DALVA DE OLIVEIRA
Um salto para a glória.

A MÚSICA POPULAR EM 1950

DALVA DE OLIVEIRA, O MAIOR CARTAZ DA MÚSICA BRASILEIRA EM 50 ★ OS BOLERISTAS SEMPRE NA ORDEM DO DIA ★ UM NOVO RÍTMO: O MAMBO ★ A CANÇÃO FRANCESA ★ MÚSICA AMERICANA ★ JAZZ ★ NOVAS MARCAS DE DISCOS BRASILEIROS ★ OS MORTOS DO ANO

Reportagem de SYLVIO TÚLIO CARDOSO

MIL novecentos e cinqüenta foi um ano de grande importância para a música popular internacional. Quanto à música brasileira, foi no Ano Santo que ela atingiu seu nível artístico mais elevado. E foi também neste histórico 1950 que a nossa fonografia deu o seu esperadíssimo passo à frente. Comercialmente, os maiores «fazedores de sucesso» foram Dalva de Oliveira e Luís Gonzaga. Êstes dois artistas estiveram sempre muito distanciados de todos os outros, no que se refere à vendagem de discos e popularidades em «boites» e palcos. Dalva de Oliveira, gravando logo no começo do ano «Que Será» e «Tudo Acabado», deu um salto imenso e firmou-se inegavelmente como a maior cantora popular de 50. Realmente, a antiga vocalista do Trio de Ouro revelou-se, agora que está atuando sòzinha, uma grande intérprete de música brasileira, no gênero românt'co. Luís Gonzaga, por sua vez, estêve sempre em evidência com seus baiões típicos. Suas gravações de «Dansa da Moda» e «Chofer de Praça» lhe renderam centenas de contos em direitos de vendas. Uma grande surprêsa em 1950 foi o aparecimento de Elizette Cardoso, esplêndida cantora do samba-romântico cujo disco «Canção de Amor, se enquadra nos melhores do gênero. Aracy de Almeida apareceu bem no fim do ano com seu álbum «Noel Rosa», gravado para a Continental. Sua interpretação dos sambas «X do Problema», «Conversa de Botequim» e «Palpite Infeliz» lhe ratificaram plenamente o título de «Intérprete Nº 1 de Noél Rosa». No que concerne ao disco brasileiro, 1950 foi um ano decisivo. Tivemos primeiramente o aparecimento de várias marcas nacionais — como a «Capitól», a «Tôda América», «Rio», «Brasil Rítmos», «Elite» etc. — e depois a inauguração das novas fábricas da RCA Victor e da



BILLY ECKSTINE
Conquistou novos fans.



PEREZ PRADO
«El Rey del Mambo»



LUIZ GONZAGA
Uma sanfona, um sorriso e um baião.

Odeon, ambas em S. Paulo. A Capitól instalou sua moderna produtora num aprazível recanto do Alto da Boa Vista e a «Star» aumentou bastante a sua capacidade de produção. As lojas de discos duplicaram em 50, o mesmo acontecendo com as vendas. Enquanto que a tiragem inicial de um disco de sucesso antigamente variava entre mil e dois mil, hoje já se «prensa» 8 ou 10 mil discos de uma vez. Os campeões do ano foram, além dos dois mencionados, Dalva de Oliveira e Luís Gonzaga, Francisco Alves, os instrumentalistas Jacob e Waldir Azevedo, Nelson Gonçalves, Carlos Galhardo. Apesar de haver gravado bonitos sambas como «Vai Meu Amor», «O Amor Chegou», «Não Tem Solução» e «Misterioso Interêsse», Dick Farney não estêve na lista dos mais vendidos em 50. O público carioca, que havia esgotado sucessivas edições de «Ponto Final» e «Feliz Natal» o ano passado, nêste não mostrou, inexplicàvelmente, o mesmo interêsse. Finalmente, os maiores sucessos do ano, sob o ponto de vista comercial, fôram os seguintes: «Que Será», «Tudo Acabado» e «Errei Sim», Dalva de Oliveira (Odeon); «Delicado», Waldir Azevedo (Continental); «Paraíba», Emilinha Borba (Continental); «Dansa da Moda» e «Chofer de Praça», Luís Gonzaga (RCA Victor), «Pé de Manacá», Isaurinha Garcia (RCA Victor) e «Rio de Janeiro», Roberto Inglez (Odeon).

★

Embora não tenha alcançado o nível de popularidade registrado em 49, o bolero foi bastante reverenciado pelo nosso público em 50. Os discos de Gregório Barrios, Fernando Albuerne, Pedro Vargas, Hugo Romani e Carlos Ramirez continuaram sendo bastante procurados, especialmente os do primeiro, que continua o cantor nº 1 do gênero, junto às fans cariocas. O interessante é que Barrios não gravou nenhum sucesso em 50, tendo ratificado sua popularidade com a interpretação de seus velhos êxitos, como «Final», «Una Mujer» etc. Seus discos que melhor apareceram foram «Vanidad» e «Compreension», ambos com tiragens moderadas. Seu número mais solicitado nos «shows» radiofônicos foi «Pecado», bolero gravado por seu colega Fernando Albuerne e que, por uma questão de ética profissional, êle se absteve de fazê-lo, já que ambos estão sob contrato das Indústrias Elétricas e Musicais, Fábrica Odeon. Além de «Pecado», Albuerne estêve bem representado com «Amor y más amor». Ramirez reapareceu muito bem com «Marta» e «Uno», ambos gravados em Nova York no ano passado. Pedro Vargas tentou aparecer também com «Pecado», mas o público «foi mais» pela versão do cantor cubano. Em resumo, os discos mais procurados do gênero foram: «Pecado», Albuerne (Odeon), «Vanidad», «Compreension» «Necesito Verte», Barrios (Odeon); «Marta», Ramirez (RCA Victor); «Suicídio», Fernando Fernandez; «Amor y más amor«, Albuerne e «Sin Tí», Chucho Martinez (Continental).

★

O ano que marcou a passagem do meio-século marcou também o «debut» oficial de um novo rítmo: o mambo. Esta nova atração da música afro-cubana nos foi introduzida pelo seu próprio criador, o maestro cubano Perez Prado, autor de um dos maiores êxitos populares do ano: «Mambo Jambo». O apimentado rítmo do mambo agradou em cheio no Rio e hoje Perez Prado já é tão comentado quanto Cugat ou Roberto Inglez. Seus dois discos aparecidos no Rio — «Mambo Jambo» e «Al compás del mambo» — abafaram cem por cento. Um grande sucesso no gênero foi a guaracha «La Mucura», cuja melhor gravação estêve com o vocalista Bobby Capó.

★

O único sucesso, mas sucesso no duro, da música francesa foi «C'est Si Bon», de Betti e Hornez, que os americanos verteram mais tarde e gravaram profusamente. As gravações de «C'est Si Bon» que alcançaram maior venda foram as de Emile Prud Homme e Yves Montand, am-

Cont. ua pág. 25)



DORIS DAY
Absoluta em 50.

A VIDA E AMORES DE FRANZ WAXMAN

ALGUMAS NOTÍCIAS A RESPEITO DA VIDA DE UM DOS MAIORES COMPOSITORES DO CINEMA CONTEMPORÂNEO ★ DISCÍPULO DE HOLLANDER, WAXMAN COMEÇOU SUA CARREIRA COMO PIANISTA DE BARES E CABARÉS ★ FRANZ ENCONTRA SEU CAMINHO ★ A DECEPÇÃO NO AMOR DE GRETE WALTER ★ VIAGEM A PARIS ★ ENCONTRO COM ALICE ★ EST. UNIDOS, PONTO FINAL

Reportagem de PÉRICLES LEAL

OS acordes de "Elegie for strings" sobem da pequena máquina de madeira e metal e logo domina tôda a sala. A meia-luz dá um tom fantástico aos móveis brancos como leitos de hospitais. Uma luz mais forte vem da rua e fura a penumbra do ambiente, como um estilete penetrando na carne cinzenta do quarto. As paredes, apenas entrevistas, mostram retratos desbotados na meio-escuridão, um Rilke pensativo, a mão apoiada no queixo suave, mas decidido, a reprodução do Quixote de Malagoli e a fantasmagoria dos espantalhos de Portinari a exibir aos olhos do mundo as suas chagas no corpo sem carnes. Mil figuras inextrincáveis brincam pelas paredes, um homem sem cabeça, um rapaz assexuado com um peixe debaixo do braço, na estranha e fascinante história da "Tentação de Santo Antônio", de Hieronimus Bosch. Também os bailarinos de Degas param, apertam os cordões dos sapatos delicados e a garôta loura do quadro de Renoir detém os dedos suaves sôbre as teclas do piano, como se a música de Waxman houvesse entrado no quarto quase como uma intrusa. Mas, a pouco e pouco, os sons vão tomando forma, espraiando-se pelo ambiente, logo se integrando em sua própria vida. O único habitante vivo, de carne e osso, do quarto mergulhado na meia-luz, acende um cigarro e estende as pernas no leito estreito. Quando a música termina, pára a vitrola, acende outro cigarro e volta a deitar-se na cama. Tôdas as figuras, agora mergulhadas na sua semi-dormência de muitos anos, retomam sua própria vida interior, acrescidas de outra figura: o disco negro que diz o seguinte: "Elegie for strings", de Franz Waxman...

Franz Waxman, pouco depois de chegar a Hollywood.

O MENINO DE OPPELN CONQUISTA A MECA DO CINEMA



Franz Waxman regendo a orquestra sinfônica para a gravação da música de «Hollywood Canteen».



Num intervalo de filmagem de «Humoresque», Franz Waxman comenta o programa de um concêrto com Joan Crawford, estrêla do filme.

As recordações, os trechos de conversas com Ilse e Paul, no escritório da rua México, ou pelas ruas ensolaradas do Rio, vêm à minha memória, depois de ouvir a primeira gravação de música sinfônica de Franz Waxman, o admirável compositor alemão, naturalizado americano e residente nos EE. UU., onde tem escrito as mais extraordinárias partituras para as películas de Hollywood, tôdas elas deixando transparecer uma personalidade exuberante, vigorosa, bem na tradição germânica, valorizando em muito as imagens de dezenas de filmes que temos tido oportunidade de ver aqui. Franz Waxman... A princípio era apenas um nome, o nome no pano da tela do cinema, ocupando algumas dezenas de fotogramas, na apresentação do corpo artístico que colabora na feitura de um filme. Um nome que poderia ser como muitos outros Frank Skinner que aparecem por aí diàriamente, sem que nos preocupássemos em gravar o seu nome na nossa memória.

Entretanto, Franz Waxman é um compositor diferente, porque é um compositor de gênio. As suas partituras transcendem sempre o simples limite do trabalho cinematográfico. Sem ser criador de uma música individual como um Aaron Copland, por exemplo, cujas partituras caminham sempre à margem, fugindo ao seu papel precípuo no cinema, Franz Waxman, contudo, não perde o seu valor individual e intrínseco escrevendo as partituras mais "cinematográficas" que o cinema já nos mostrou. A sua exuberante personalidade se faz sentir justamente neste particular. Comentando a imagem, ou completando-a, Waxman nos deixa a sensação do completo, do perfeitamente realizado, do insuplantável. Só encontrando igual num Wolfgang Korngold (que alguns consideram maior que êle) ou num Max Steiner dos seus melhores momentos, Waxman não se presta, porém, para confrontos desta natureza, já que é um compositor de gênio, insubmisso às fórmulas comerciais e que se vem impondo dia a dia pelo seu gênio e pelo seu extraordinário poder criador. Ainda aqui cabe a citação de Korngold, também um dos indomáveis da cidade do cinema, neste particular.

Quando a música de cinema muitas vêzes se restringia (e ainda se restringe, como vimos ainda recentemente, para citar apenas um exemplo, em "Comanche Territory", música de Frank Skinner) ao comentário insípido e boçal das cenas de violência, transição ou transporte amoroso, com um temazinho melódico mais ou menos açucarado para o herói, a heroína ou coisas deste jaez, a aparição e a afirmação de compositores da altura de Franz Waxman, no cinema, sòmente concorreram para assegurar o prestígio das películas que tem assinado.

Faltam-me dados positivos para afirmar quando começou a influência da música moderna, mais vigorosa e mais expressiva, no cinema. Assim, não posso precisar realmente quem teria sido o iniciador do movimento que hoje toma uma forma definitiva, contagiando até velhos canastrões musicais de Hollywood, convertendo-os à expressividade máxima e uma compreensão psicológica mais profunda do drama para o qual escreve as notas musicais. Seja como fôr, parece-me caber a Franz Waxman, por sua maior assiduidade (se bem que, segundo creio, Waxman não se encontre prêso a nenhuma companhia cinematográfica, seja um "freelancer"), a consolidação da música expressiva, no cinema americano, ao lado dos homens já invocados atrás e outros que não interessa citar nesta reportagem.

O autor das partituras de "Objective Burma", "Suspicion", "Sentença", "Humoresque" (onde evidenciou uma notável cultura e bom-gôsto musicais), "Rebecca", "Fury", "Captains Courageous", "Rope of sand", "Night and the city" e dezenas de outros filmes que alcançaram um nível artístico elevado e outros que são lembrados apenas pela sua partitura.

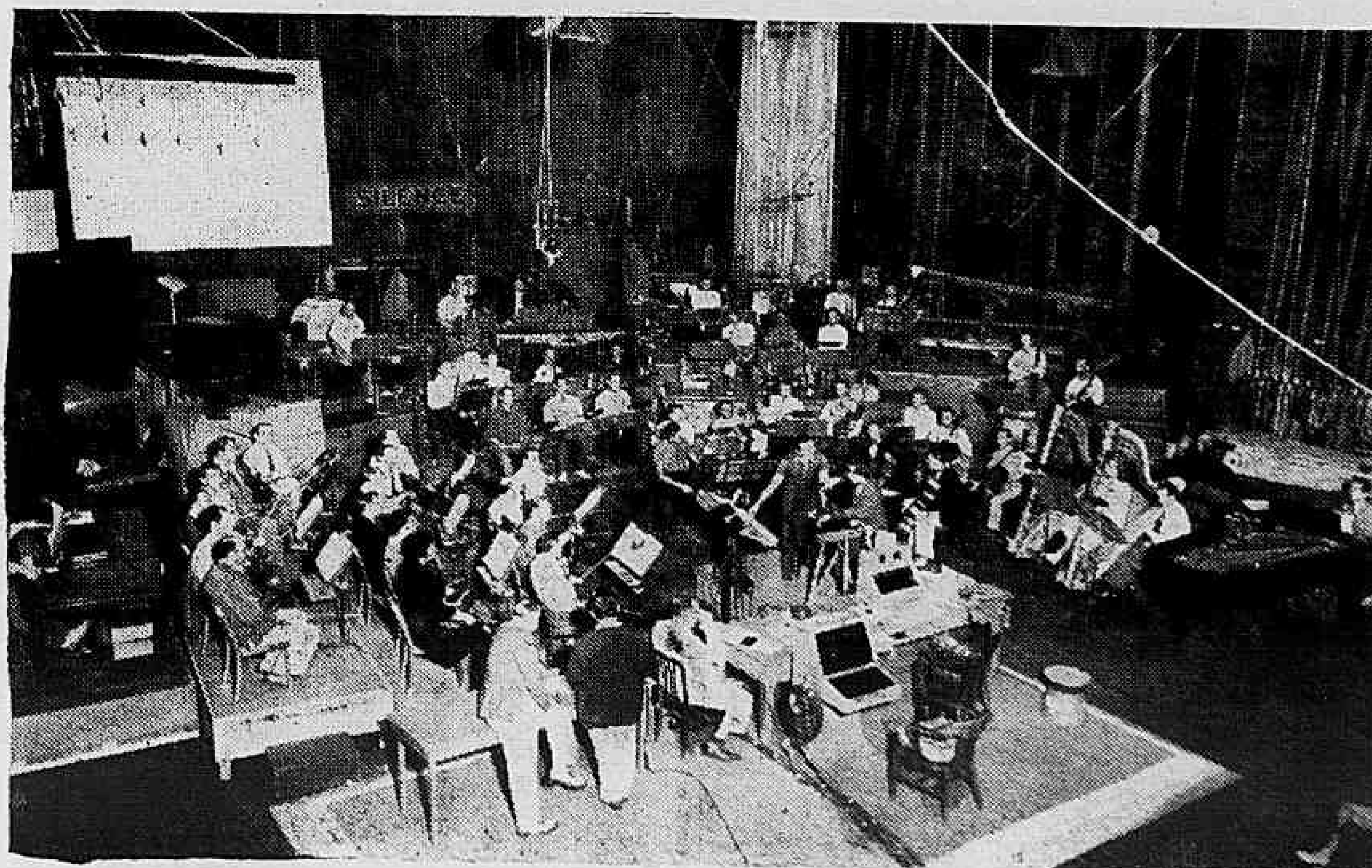
A sua verdadeira atividade, entretanto, Waxman não dedica ao cinema. E' um compositor de notável talento e fundador de algumas orquestras de música erudita que se apresentam nos Estados Unidos. Regente de Bach, Beethoven, Mozart, Wagner, Richard Strauss, Kachaturian e muitos outros que inclui em seus programas realizados no Hollywood Bownl, no Beverly Hills Music Festival e outros, Franz Wax-



Na estréia de «Jeanne D'Arc au bucher», de Honneger, Franz Waxman palestra com Vera Zorina e Sam Wannamaker.



Franz Waxman regendo uma orquestra, num recital do soprano Lotte Lehman.



Para a gravação de «Suspcicion», Franz Waxman dá as indicações para a sua bela partituta musical.



Franz Waxman, em trajes esportivos, dirige um concêrto no famoso Hollywood Bowln.

man dedica-se, igualmente, à ciência de composição. Dêle, conhecemos "Elegie for strangs", obra de grande profundidade musical e temos referências de muitas outras obras, entre quartetos, elegies, sinfonias e concertos, um dos quais nos é lembrado com carinho por Ilse e Paul Elkins, pela magnifica interpretação de Jascha Heifetz e pela sua grande beleza.

III

Franz Waxman nasceu na Alta Silésia, Alemanha, num lugarzinho chamado Oppeln. Pequena cidade do interior alemão, Oppeln vive sempre mergulhada numa atmosfera glacial, com os seus carreiros passando pelas ruas brancas de neve, a blasfemar em voz alta e chicotear os seus cavalos suados que expelem nuvens brancas como flocos de neve pelas narinas dilatadas. Oppeln é, assim, uma cidade sem vida, eternamente mergulhada na sua modorra secular, onde nada acontece e onde as coisas se sucedem, umas às outras, como fatôres naturais. Os seus habitantes, pacatos camponeses e provincianos alemães, lavram o seu campo, trabalham nas suas terras e nas suas fábricas, bebem as suas canecas de cerveja e de vinho, fumam os seus cachimbos, tocam os seus instrumentos prediletos e, à noite, sob as cobertas protetoras, geram os seus filhos... Entretanto, como bem observou Romain Rolland, o instinto musical está presente entre todo o povo alemão. Todo alemão é músico de nascença. À noite, em volta da lareira de achas vermelhas, reune-se a família para fazer música: um cello, uma viola, dois violinos, um velho piano... Beethoven, Bach ou as velhas baladas germânicas são ressuscitadas na sala tépida, o pai, a mãe, os filhos em doce intimidade com a Divina Arte, no aconchego do lar burguês e pacato, enquanto lá fora o vento cortante malha as árvores abandonadas ou castigam o rosto do bêbado tresnoitado que, entre impropérios, encaminha seus passos para a cabana distante da rua principal.



O famoso violinista Albert Spalding troca impressões com o regente Franz Waxman, antes de um concêrto no Hollywood Bowln.

Ao som da música de Beethoven, de par com as baladas antigas, nasceu e tomou os primeiros contactos com o mundo o menino Franz Waxman. Às vêzes, êle se deixava ficar, enrodilhado, junto à lareira, as mãozinhas aquecidas esmagando as faces coradas, mergulhado num torpor delicioso, ouvindo os sons maravilhosos que vinham dos instrumentos mágicos tocados pelas mãos dos adultos. Algumas vêzes terá pensado que aquilo tudo não tinha explicação: algumas cordas, pedaços de paus delicados... e os sons maravilhosos que aquilo tudo podia produzir. Talvez Franz pensasse nisto... Ou talvez os seus pensamentos fôssem muito mais distante: um dia êle haveria de escrever aquêles sinaizinhos que via o pai examinar, atentamente, antes de começar as audições de tôdas as noites. O que se passaria na cabeça daquela criança que mal sabia o destino que lhe estava reservado? Seriam apenas hipóteses mais ou menos romanescas aventurarmos qualquer idéia.

Talvez, ainda, o pequeno Franz tivesse tido uma vida como todos os garotos das aldeias alemãs. A verdade, porém, é que Franz, quando se tornou rapaz, sentiu a estreiteza do ambiente em que vivia e procurou um lugar onde pudesse dar livre expansão aos seus sonhos e esperanças. Conhecendo bem música, apesar de uma cultura ainda incipiente e mal orientada, Franz Waxman, bom pianista e conhecendo outros instrumentos com a inclinação natural de todo alemão cultor da música, um dia chegou da província e pisou na estação de estrada de ferro de Berlim.

IV

Em verdade, um mundo novo se descortinava diante do jovem Franz Waxman. Pelas informações que tenho dos seus dias de mocidade, em Berlim, porém, Franz não nos parecerá perfeitamente conhecedor de suas reais possibilidades. Paul Elkins, que naquela época exercia suas atividades como cenógrafo e montador de um teatro berlinense, e que privou por muito tempo da amizade de Franz, de Frederick Hollander e muitos outros nomes hoje consagrados no panorama artístico internacional, conta-nos que a maior aspiração de Waxman, por aquêles dias, era tornar-se compositor de... canções populares! Por esta época, imperavam as canções ligeiras, saltitantes e fáceis de Werner Richard Haymann, famoso e dispondo de grande popularidade. Franz suspirava pela popularidade do compositor popular e confessava aos amigos que se sentiria imensamente grato por todos os seus esforços se algum dia alcansasse o ponto em que Haymann então se encontrava...

Por aí, podemos ver que Franz ainda não conhecia suas reais possibilidades. As suas palavras, com relação a um compositor de terceira classe, refletem bem a desorientação de um moço que ainda não tivera oportunidade de entrar em contacto com a grande música e que ainda não descobrira em si mesmo o talento criador, hoje inegável, para vôos de águia, que fariam corar os riscados de pinto mal desenvolvido de Haymann.



Num concêrto realizado, no Hollywood Bowln, em benefício da United Iewish Welfore Fund, vemos Franz Waxman ladeado por Charles Laughton, Edward G. Robinson, Paul Muni, Dr. Nussbaum, Bartley Crum e outras personagens.

Creio haver sido Hollander que encaminhou Waxman no seu verdadeiro caminho. Frederick Hollander, por esta época também sem grandes prestígio, no início da carreira, em Berlim, devia ser, contudo, um espírito culto e esclarecido. E com êle teria lucrado muito Franz Waxman, ouvindo os seus conselhos, as suas sugestões e os seus ensinamentos.

A luta de Franz, por aquela época, entretanto, era uma luta de subsistência, quase. Como pianista, tocava em bares e cabarés, a fim de ganhar o sustento de cada dia. Depois, por indicação possìvelmente de Hollander, foi contratado para segundo pianista do Teatro Tingel-Tangel, onde o seu mestre ocupava o primeiro pôsto. Lá, Franz conheceu o primeiro grande amor de sua vida, que quase o leva à beira do desespêro...

E' ainda me valendo das recordações de Ilse e Paul Elkins que reconstituo o ambiente onde Franz encontrou o seu primeiro grande amor.

Os três pianos, do Teatro Tingel-Tangel, ficavam colocados em três planos sucessivos, isto é, um logo acima do outro, em altos estrados, dando a tudo uma bela formação plástica, em forma de tôrre. No primeiro plano, Frederick Hollander estava assentado; no estrado do meio, Franz Waxman e, no último, encontrava-se Grete Walter, filha do famoso regente Bruno Walter, já naquela época com grande prestígio nos centros musicais mais adiantados do mundo.

Contemplando a sua amada como se estivesse num pedestal, Franz esforçava-se por não errar as notas, temendo descontentar o seu mestre, que o vigiava no plano inferior da tôrre. Grete, vestida no seu vestido vaporoso de noite, o decote exibindo o colo muito alvo e lindo, reparava nos olhares insistentes, apaixonados, de Franz e sorria, condescendente, na sua atitude de rainha que desprezava cordialmente o súdito obediente, ao mesmo tempo que guardava um pouco de amizade e compaixão por aquêle moço de quem Hollander falava tão bem. Êle não a interessava, porém. Grete era uma jovem arrebatada e os que a conheceram não parecem guardar a melhor das impressões dela. Sem nenhum talento musical, era arrogante e estouvada, sem respeitar os sentimentos alheios e, acima de tudo, muito mulher.

Como deve ter sofrido o querido Franz naqueles dias em que, loucamente apaixonado, reunia-se aos seus amigos, numa cervejaria pouco freqüentada, e desabafava tôdas as suas mágoas, todo o sofrimento do seu pobre coração romântico! Os companheiros procuravam consolar Franz, alguns procuravam desviar o assunto para os caminhos do bom-humor e da chalaça... Franz, inconsolável, não ouvia nem uns, nem outros, torturados, obsessivamente apaixonado pela soberba Grete, que não queria aceitar o seu amor.

Muito sofreu Franz durante aquêle período. Muitas vêzes procurou Grete e abriu o seu coração, transbordante de afeição, dizendo o quanto a amava e o quanto poderia oferecer-lhe em troca. A sua situação naquele momento não era das melhores. Mas haveria de conquistar o mundo para a sua Grete! Grete Walter, mulher e insondável, ouvia Franz Waxman, deixava algumas vêzes que êle a tomasse entre os braços e procurasse beijá-la, mas terminava sempre por repeli-lo polidamente, animal mais forte brincando com a prêsa, enquanto o nosso Franz se consumia de dor.

Um dia, Franz foi abatido por um choque que, a princípio, parecia maior que as suas fôrças. Grete ia casar-se com um decorador do cinema alemão! Transtornado, a notícia ficou a soar-lhe aos ouvidos com um zumbido ensurdecedor. Grete casada com outro! Isto jamais havia suposto. Que ela o recusasse, era doloroso. Mas, sempre havia uma esperança. Mas... casada com outro... oh, era terrível! Procurou-a. Encontrou-a como um iceberg. Retrocedeu, procurou esquecê-la. Parecia impossível. Berlim começou a perder o interêsse para Franz, até que, enfim, rumou para Paris.

V

Não foi Franz o único a deixar Berlim naqueles anos em que o país atravessava uma segunda crise política e econômica. Lá, na Cidade-Luz, estavam Peter Lorre, Frederick Hollander e muitos outros alemães que procuravam novas experiências e clima mais propício ao seu trabalho. Novamente Ilse e Paul tiveram Franz ao seu lado. Trabalhando agora ativamente para o cinema, na seção da UFA, em Paris, Franz Waxman parece ter, nesta época, tomado plena consciência do seu real valor. E as suas partituras foram notadas por todos.

Anos de trabalho, de intenso labor artístico, restituíam a Franz, pouco a pouco, a sua tranqüilidade. Franz tornara aos seus hábitos regulares e passava a maior parte das suas horas

(*Cont. na pág.* 25)



Richard Widmark em sua caracterização de «Night and the city», filme de Jules Dassin, onde Franz Waxman nos dá uma das suas partituras mais vigorosas.



Ante os olhos espantados de Holiday, o tenente Reece e o Inspetor Weber exigiram que Cotter lhes desse o dinheiro do assalto.

CINE - ROMANCE

"O AMANHÃ QUE NÃO VIRÁ"

ENQUANTO esperava a sentença, sentada no banco dos réus, Holiday Carletón relembrava dias passados. Quantos dias havia passado desde que planejou a fuga de seu mano, que estava prêso? Nunca pensara no amanhã, pois nunca existe amanhã para os infelizes. Ela dissera adeus ao amanhã há tanto tempo atrás! Há tanto tempo... talvez quando estava aceso o tiroteio entre ela, seu mano e um outro prisioneiro.

O homem com uniforme cinzento da prisão estava saindo de dentro do capim que crescia na orla da floresta, quando Holiday lhe atirou. Outros tiros já haviam sido dados. Os guardas da fazenda-prisão puxaram os seus revólveres, quando dois homens que estavam sob a sua responsabilidade tentaram fugir, aproveitando a ocasião. Uma das primeiras balas atingira o irmão de Holiday, prostrando-o imediatamente.

Agora, o amigo — de quem êle falara durante uma de suas visitas à prisão, quando arquitetavam a fuga — estava ao seu lado, arfante. Holiday só tinha um pensamento na mente: Fugir. Por is-



Êles teriam muito prazer em liquidar Cotter, Jinx e Holiday. No entanto, Ralph havia sido mais esperto, e os policiais agora estavam a sua mercê.



Ralph Cotter tinha de conseguir o que desejava da vida: dinheiro. Nenhum obstáculo o impediria de conseguir o que desejava.

so corria através da floresta, escondendo-se atrás das árvores que a protegiam. Êle a seguia. O mesmo acontecia com as balas velozes, saidas dos rifles dos guardas, que batiam nas árvores e se desviavam.

Numa estrada suja, entraram no sedan que Holiday havia trazido e contratado Jinx Raynor para dirigir. Mal haviam entrado Jinx deu a saida. Balouçando-se de um lado para outro na estrada, o ponteiro do velocimetro subia... e rápido.

Quando já estavam na estrada a caminho da liberdade, Holiday enterrou a face nas mãos e começou a chorar. O seu esbelto corpo começou a tremer e as lágrimas cairam de seus olhos, deslizando pela face.

— Êles o mataram! O meu único irmão... êles o mataram...

Enquanto o carro corria em direção ao limite do Estado, os seus ocupantes mudaram de roupa. Holiday trocou as roupas masculinas por um vestido. Ralph Cotter, o companheiro de prisão de seu mano, pôs o terno que ela lhe trouxera.

Mais tarde, na cidade, pararam na garagem de Mason, que os veio encontrar, capengando. Tinha um casse-tête em sua mão e olhos penetradores como facas afiadas.

— Quer dizer que apanharam o seu mano. O rádio noticiou.

— O que mais o rádio noticiou? — indagou Cotter com os olhos fixos em Mason, que facilitara o carro e os revólveres para a fuga.

— O mesmo de sempre — sorriu Mason. — Apenas você é mais simpático do que descreveram. Cotter, tenho interêsse em você.

Depois, cada um tomou o seu rumo e procurou esconder-se da melhor maneira possivel. Mais tarde, Holiday estava em seu apartamento no Hotel Marakesh, mergulhada na própria dor, quando alguém bateu em sua porta. Ela abriu-a e em sua frente estava Cotter.

— O que você quer? — perguntou ela sem olhá-lo. — "Por que êsse não morreu em lugar de meu irmão?" — talvez pensasse.

— Inúmeras coisas — sem dar-lhe importância Cotter entrou imediatamente no quarto. — Por exemplo: comida. Já viu o jornal?

AGORA ERA DESNECESSÁRIO LAMENTAR. HÁ QUANTO TEMPO USUFRUIA UM ONTEM? OS INFELIZES NÃO TÊM ONTENS NEM AMANHÃS.

— êle lhe mostrou o jornal, as "manchettes" gritando o acontecimento do dia: *Morto um presidiário na fuga da prisão.*

— Já vi os jornais e não quero falar sôbre o assunto. Queira retirar-se, por obséquio.

— Mas, agora que cheguei — argumentou Cotter. — Onde é que êle ia morar?

— Êle tinha um quarto aqui — deu de ombros Holiday. — No outro lado do corredor.

ria preparar um sanduiche para um outro fugitivo da policia?

Nada mais importava. Silenciosamente, ela preparou o sanduiche e lhe trouxe. Então, êle lhe perguntou:

— Como posso entrar em contacto com Jinx?

— A loja dêle está no catálogo. "Consertos de Rádios Ás". Por quê?

— Vamos livrá-la da situação. Você deve alguns cobres ao Mason.

Título original:

KISS TOMORROW GOODBYE

E L E N C O :

Ralph Cotter	JAMES CAGNEY
Holiday Carleton	BÁRBARA PAYTON
Margaret Dobson	HELENA CARTER
Inspetor Weber	WARD BOND
Cherokee Mandon	LÜTHER ADLER
Reece	BARTO MACLANE
Jinx Raynor	STEVE BRODIE
Vic Mason	RHYS WILLIAMS
Ezra Dobson	HERBERT HEYES
Tolgaté	JOHN LITEL
Dr. Green	FRANK REICHER
Cobbet	JOHN HALLORAN

Uma produção Cagney distribuida pela Warner Bros. Produzido por William Cagney — Dirigido por Gordon Douglas — Cenário de Harry Brown — Baseado na história de Horace McCoy «Kiss Tomorrow Goodbye».

— ótimo. Como êle não o vai usar eu o usarei. Incidentalmente, Mason me disse que você é uma garôta honesta.

— Até hoje, nunca fiz nada errado — murmurou Holiday, lamentando que o tivesse feito e falhado.

— Sòmente uma vez é necessário, você sabe. No pé em que as coisas se encontram, a policia gostaria muitissimo de botar as mãos em cima de quem quer que haja matado aquêle guarda. Você acha que um fugitivo da justiça pode-

(Ela devia-lhe mil dólares pelos revólveres e o carro). Eu lhe devo alguma coisa. Você me tirou da Prisão-Fazenda de qualquer maneira.

— Você não me deve coisa alguma. Se hoje nunca tivesse existido...

— Mas, existiu. Você ajudou numa fuga de uma prisão. Lembre-se sempre disso... e aja de acôrdo — Cotter tocou suavemente no jornal. — Aqui diz que o seu irmão é um... cachorro hidrófobo-assassino, assim mesmo.

E' mentira! Êle não era nada disso! Que êle fôsse destemido, eu admito, mas êle era inocente... nunca matou ninguém.

— Talvez êle fôsse inocente — disse Cotter, sem pensar muito.

No final, Cotter a irritiu tanto, dizendo que o seu mano não era inocente que Holiday, num impeto de fúria, jogou-lhe uma faca que o atingiu exatamente acima de uma das orelhas. Cotter passou a mão na ferida e o seu sangue manchou os seus dedos.

Sem dizer uma palavra, Cotter dirigiu-se para o banheiro e esfregou a toalha no rosto a fim de evitar que o sangue o sujasse. Holiday veio para a porta [illegible]nheiro e ficou olhando-o. Êle virou-se de repente e, usando a toalha enrolada como se fôsse um casse-tête, golpeou-lhe com uma fôrça selvagem.

Na manhã seguinte Jinx e Cotter assaltaram o Mercado Hartford, roubando seis mil dólares que estavam no cofre, deixando o dono da venda desacordado.

Com o dinheiro, Cotter pagara a divida de Holiday e, agora, enquanto tomavam café, ela se sentia fria por dentro. A sua divida fôra saldada, mas outro crime fôra cometido e ela não estava acostumada a crimes.

— Você está tentando afundar-me cada vez mais, não está? — interrogou Holiday, pedindo a Deus que êste miserável a deixasse em paz.

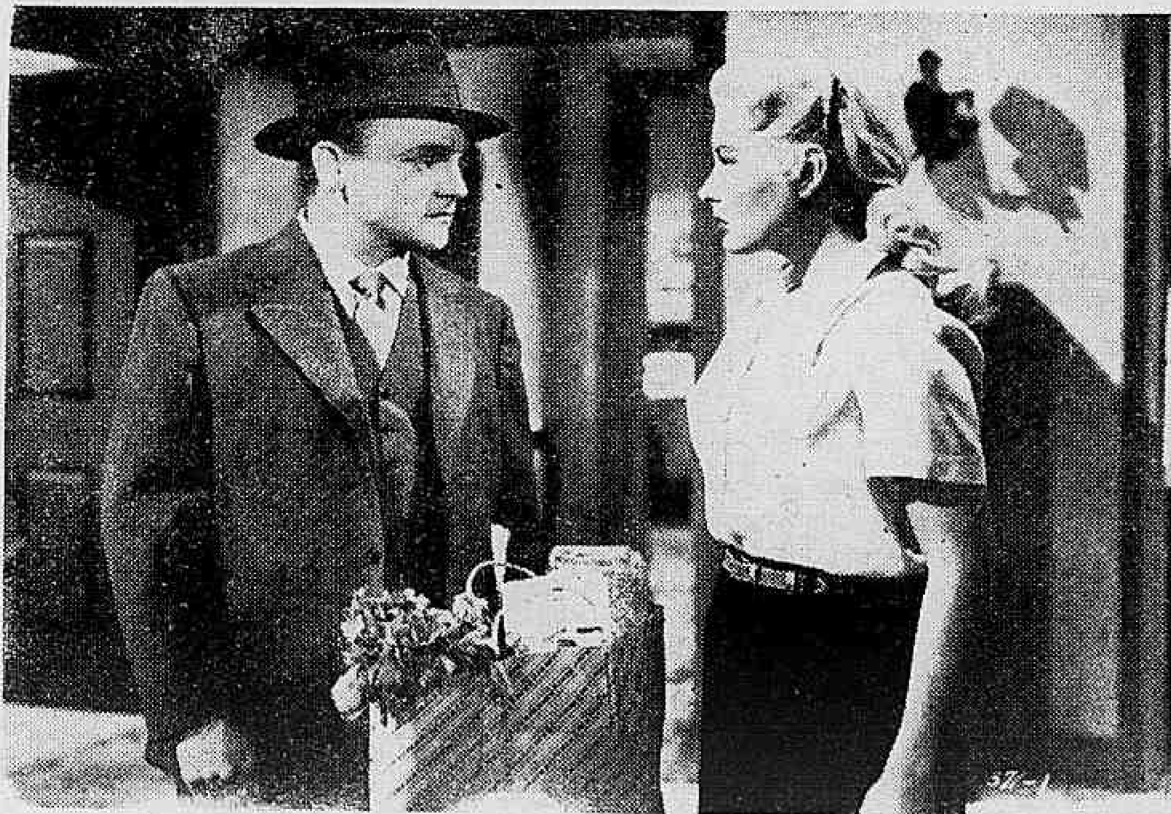
Cotter inclinou-se e beijou-a suavemente. Na noite passada êle a introduzira no mundo do amor, com mãos frias e palavras enganadoras. Fôsse o que fôsse que êle tivesse feito, Holiday sentia uma irresistivel atração por êle, embora não quisesse admitir isso nem para si mesma.

— Agora, tudo depende de você, belezinha — êle pretendia beijá-la novamente, mas alguém estava batendo na porta.

Era Vic Mason, acompanhado de dois policiais. O tenente Reece e o inspetor Weber, chefe dos detectives.

A principio, êles deram a entender que desejavam prender a ambos. Dois minutos depois, tornaram claro que sòmente desejavam a parte do dinheiro que cou-

(Cont. na pág. 24)



«Champagne. A bebida tradicional de vitória.» Disse Cotter, satisfeito com o resultado do assalto. Agora virá o casamento...



Todo o amor de Holiday desapareceu quando teve conhecimento do casamento de Ralph com a filha do milionário, e que êle matára o seu irmão na prisão. Agora, ela o mataria também.

MORREU O GALÃ DE LANA TURNER E GREER GARSON

RICHARD HART — UM ASTRO QUE SE APAGA SÙBITAMENTE

Escreveu SÉRGIO LOBO



RICHARD HART
Nunca mais...



«Dick» HART e LANA TURNER
Páreo duro com Van Heflin em «A Rua do Delfim Verde»

RICHARD HART veio da Broadway. Suas atuações em peças que fizeram história no teatro novayorkino o levaram aos estúdios da Metro em Hollywood, para aparecer, logo em seu primeiro filme, como um dos galãs de Greer Garson naquele discutido «Sagrado e Profano». Voltou depois em «A Rua do Delfim Verde», um dramalhão tremendo em que êle disputava com Van Heflin o amor de Lana Turner. Retornou mais uma vez à Broadway para novos triunfos e, agora que a Metro o havia convocado novamente, eis que nos vem a notícia de sua morte em Nova York, vítima de um inesperado ataque cardíaco. Richard Hart morreu moço, com apenas 35 anos. Finda-se assim mais uma carreira em ascenção, mais um astro de Hollywood como tantos outros — que se apaga para nunca mais tornar a brilhar nas marquises do mundo.

«Dick» Hardt era realmente bonitão. Moreno, de olhos verdes, um metro e oitenta e pouco de altura, um tipo de galã que fazia qualquer brôto bem intencionado suspirar profundamente. E os mal intencionados também. Mas agora Richard Hart foi se reunir aos que deixaram Hollywood no meio da viagem, saltaram do bonde antes do fim da linha. Lá está êle ao lado de Ross Alexander, Jean Harlow, Rodolfo Valentino, Alma Rubens, Elissa Landi, Carole Lombard, Warren Williams, Carole Landis, Lupe Velez, Philip Holmes, Laird Gregar, Grace Moore e tantos outros astros e estrêlas de Hollywood que morreram em plena ascenção de suas carreiras. Richard Hart provàvelmente será esquecido pelos fans dentro de pouco tempo. O público esquece com uma facilidade tremenda. Não precisa o artista morrer, basta mesmo se afastar temporàriamente das telas e ninguém fala mais nêle, seu nome não é pronunciado mais pelos fans e pelas publicações especializadas. Porisso é preciso trabalhar, aparecer nem que seja em pontinhas, estar ali presente para não sucumbir entre a avalanche dos que querem e lutam desesperadamente para subir. Parar, nunca. Parar, só para morrer.

RÁDIO-INQUÉRITO



IVO PEÇANHA

14 anos de rádio. Nome verdadeiro: Ismar Pereira. Começou na última fase da extinta Cajuti, passando à Cruzeiro do Sul em 39. Já foi locutor, redator de programas e comentarista cinematográfico. Programas realizados: "Short cinematográfico", "Teatro da Cinelândia", "Novos da Literatura", reportagens em tôrno da Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro, em 1941. Atualmente apresenta "Cruzeiro pelos Teatros". Completará 42 anos no dia 29 de fevereiro. E' diretor-presidente da Rádio Cruzeiro do Sul e da Rádio Clube do Brasil.

RESPONDE:

IVO PEÇANHA

P — Qual deve ser a função do Rádio?

R — **Divertir, educar, orientar.**

P — Julga que o nosso rádio exerce essa função? Por que?

R — **Sim.**

P — Qual a melhor estação carioca? Por que?

R — **Cada uma delas, dentro das suas possibilidades e do seu plano de ação, merece louvores e palavras de simpatia. E o público ouvinte assim o prova dividindo entre tôdas, as suas atenções.**

P — Acha que o nível artístico do nosso Rádio atingiu o máximo?

R — **Êle se tem elevado sempre, de ano para ano. Sem dúvida, assim prosseguirá sempre, na sua evolução natural.**

P — Quais os melhores programas?

R — **Dentre as melhores atrações atuais, destacamos: "Conversa em família" (PRA-3 e PRA-9), "Crônica do Mundo", "Vamos dar um giro", "Honra ao Mérito", "Onde está o poeta?".**

P — Que acha das novelas?

R — **Um gênero indiscutìvelmente muito bem aceito por um público numeroso. Mas é preciso não abusar dêle.**

P — E dos programas de auditório?

R — **Excelentes quando conseguem ser apresentados constituindo atração para o auditório e para aquêles que os acompanham de casa. Insuportáveis quando apenas satisfazem à platéia.**

P — Quais os melhores programas humorísticos?

R — **Em meio aos que mais agradam, indicamos: "PRK-30", "Edifício Balança mas não cai".**

P — E musicais?

R — **São tão numerosos os programas ótimos, nesse gênero, que se torna impraticável fazer qualquer distinção.**

P — Quais os melhores produtores?

R — **Nós os temos excelentes, e em grande número. Vamos lembrar aqui: Antônio Maria, Paulo Roberto, Haroldo Barbosa, Almirante, Mário Meira Guimarães.**

P — A que se deve o êxito de um programa?

R — **A uma série enorme de fatôres que dizem respeito ao seu preparo, desde a simples idéia até o seu lançamento pelo microfone. Todavia, a despeito dêsse imenso trabalho, não raro a reação do público ouvinte constitui legítima surprêsa.**

P — Qual o gênero de programa que mais agrada ao ouvinte?

R — **Os ouvintes variam enormemente nas suas preferências. Há público para todos os gêneros.**

P — Acredita no I. B. O. P.? Por que?

R — **Êsse assunto já tem sido amplamente discutido, fazendo-se exposições inteligentes e claras a respeito. Estamos no número daqueles que não acreditam nas indicações dêsse órgão.**

P — Há possibilidades de se transmitirem programas montados em todos os horários?

R — **Possibilidades, há. Mas não seria vantajoso, nem aconselhável. Em determinados horários o público ouvinte prefere apenas ouvir música.**

P — Qual o melhor horário do Rádio?

R — **Todos os horários são bons, dependendo das atrações que se ofereçam e da espécie de publicidade que se deseje divulgar.**

P — Os programas de gravações tendem a desaparecer?

R — **Não acreditamos.**

P — O que mais aprecia no Rádio?

R — **Os programas de sentido orientador, como é o caso de "Conversa em família" (PRA-3 e PRA-9).**

P — Sofrerá o Rádio modificações radicais com o advento da televisão?

R — **Acreditamos que sim. Mas apenas daqui a alguns anos.**

P — Que gostaria de realizar no Rádio?

R — **Há sempre aspirações novas no espírito de cada um de nós que estamos dentro do Rádio.**

P — Por que não o faz?

R — **O tempo vai passando, vai também nos permitindo realizar pelo menos algumas dessas aspirações, segundo as oportunidades que se nos apresentam.**

LUIZ ALÍPIO DE BARROS

--- VI ---

Nasceu a 20 de julho de 1921, em Usina Campo Verde, Município de Murici, Estado de Alagoas.

E' filho do agricultor e industrial Laurentino Gomes de Barros, usineiro nordestino, já se vê.

Começou a ter interêsse pelo cinema nos tempos do Cine Delícia, cinema mudo da rua do Sol, em Maceió, onde assistiu aos mais notáveis clássicos silenciosos e mesmo alguns dos primeiros do cinema falado. Por quinhentos réis (cinqüenta centavos) o Cine Delícia exibia programas que hoje valem uma fortuna, para os que gostam do bom cinema.

Lê muita coisa sôbre cinema, mas gosta de romances, contos e poesias também.

Admira, também, o Teatro e a Pintura.

A Bíblia é um dos seus livros preferidos.

Admira Cervantes, Dante, Swift, Shakespeare, Balzac, Edgar Allan Poe, Dostoiewski, Tolstoi, John Galsworthy, Charles Dickens, Emily Brontë, Casanova, Prescott, Henry Fielding, Hermann Hesse, Mark Twain, Rudyard Kipling, Roger Martin du Garde, Gide, Eça de Queiroz, Marcel Proust, e prefere, especialmente Ernest Hemingway, como ficcionista e Frederico Garcia Lorca como poeta.

Dos autores brasileiros e dos livros de sua predileção destaca Machado de Assis ("Braz Cubas", "Don Casmurro"), Castro Alves (tôda a obra), Euclides da Cunha ("Os Sertões"), Raul Pompéia "O Ateneu"), Monteiro Lobato, Lima Barreto, José Lins do Rêgo ("Ciclo da cana de açúcar"), Vinicius de Morais (poesias), Rubem Braga, (crônicas) e Graciliano Ramos ("São Bernardo").

Foi aluno do Colégio Diocesano dos Irmãos Maristas e do Liceu Alagoano (hoje Colégio Estadual), de Maceió. E fêz o complementar de Engenharia no Ginásio Carneiro Leão, de Recife, Pernambuco.

E' casado com a professôra Maria Luísa de Barros, uma morena de quem muita gente gostaria de ser aluno.

Já viajou por Pernambuco, Bahia, Sergipe, Paraíba, Minas Gerais, S. Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul — e no estrangeiro visitou Montevidéu, La Plata, Mar del Plata e Buenos Aires. Pretende um dia visitar a França (Praça Pigalle, Paris, é claro...).

Já praticou futebol, basquetebol, tênis e natação. Hoje é francamente "apenas" torcedor de futebol...

Gosta de uma boa praia, de futebol bem jogado, de uma cervejinha gelada, de pensar em Ingrid Bergman sem Rossellini e em Elizabeth Taylor sem o hoteleiro seu marido (desejo satisfeito: Elizabeth vai se divorciar...).

Não gosta de ir ao Cine Parisiense, de esperar o ônibus das cinco horas para Copacabana, dos preços das "boites" e dos restaurantes do Rio e dos "terríveis, incríveis e inadmissíveis" jornais cinematográficos brasileiros.

Bebe água gelada, cerveja, vinho, uísque e a "branquinha".

Nunca bebe champanha, que considera a pior bebida do mundo.

Fuma cigarros e cachimbo, mas fica o Cruzeiro, também...

Gosta muito do rádio, de telefone, de telégrafo, de televisão e de refrigerador. Acha o rádio indispensável à vida moderna, mas francamente, não agüenta novelas...

Já trabalhou como redator de "O Cruzeiro", "A Cigarra - Magazine" (secretário), A CENA MUDA, "Diário da Noite", "Jornal de Alagoas", "Diário de Notícias", "Correio da Manhã", "A Manhã", "Revista da Semana", "A União", da Paraíba, "Eu Sei Tudo", "O Jornal", etc..



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA

Charges de JAIMESON

Joga "buraco" em casa, com os amigos, e costuma disputar o café no jôgo da "mãozinha" com Décio Otôni, Mário Camarinha, o peruano Oscar Ponce. O Romeu Negromonte era da "roda" mas foi embora para a Cidade do Salvador, Bahia, Brasil...

Mede 1,75 m., e pesa 73 quilos.

Religião: "tècnicamente" é católico...

Mora na rua Gustavo Sampaio, no Leme.

Já foi revisor da Emprêsa Gráfica o Cruzeiro, tambéb...

Foi diretor de publicidade da Europa Sul-America Filmes.

Foi assistente-de-direção do filme "Anjo do Lôdo", de Luís de Barros, na Cinédia.

Considera "Aurora", de Murnau, "Cavaleiros de Ferro", de Einstein, "O martírio de Joana d'Arc", de Carl Dreyer, "Tabu" de Murnau-Flaherty, "O Delator", de John Ford, "Trágico Amanhecer", de Marcel Carné, "Sem novidade no front", de Milestone, e "Cidadão Kane", de Orson Welles, os maiores filmes de todos os tempos.

Seus atores preferidos: Emil Jannings, Madame Falconetti, Edward G. Robinson, Paul Muni, Bette Davis, Olivia de Havilland, Joan Fontaine, Fredric March, Gérad Philippe e Lucien Coedel.

Traduziu os livros "Os três bambus", de Robert Standish; "O Sol também se levanta", de Hemingway; e "Avatar", de Theophile Gautier, para uma editôra carioca.

Escreveu alguns ensaios sôbre cinema: "Filmes de Horror", "Hemingway e o Cinema", "O Negro e o Cinema" (conferência pronunciada no Círculo de Estudos Cinematográficos).

Pretende publicar "História dramática do cinema pernambucano", "O Negro e o Cinema" (livro), "Minha vida com Margarida", "Restos Mortais" e "Campo Verde" (três romances). E algo sôbre filmes-de-farwest.

Sócio fundador e ex-presidente da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos.

Sócio fundador e presidente do Círculo de Estudos Cinematograficos.

Fundou, com Alex Viany, a revista "Fama".

Pretende escrever um cenário de cinema: "O chapéu de meu pai".

Traja sempre com elegância e usa, em geral, ternos claros.

Não usa chapéu... mas usa bigode.

Gosta de falar em público.

E' contra a bomba atômica.

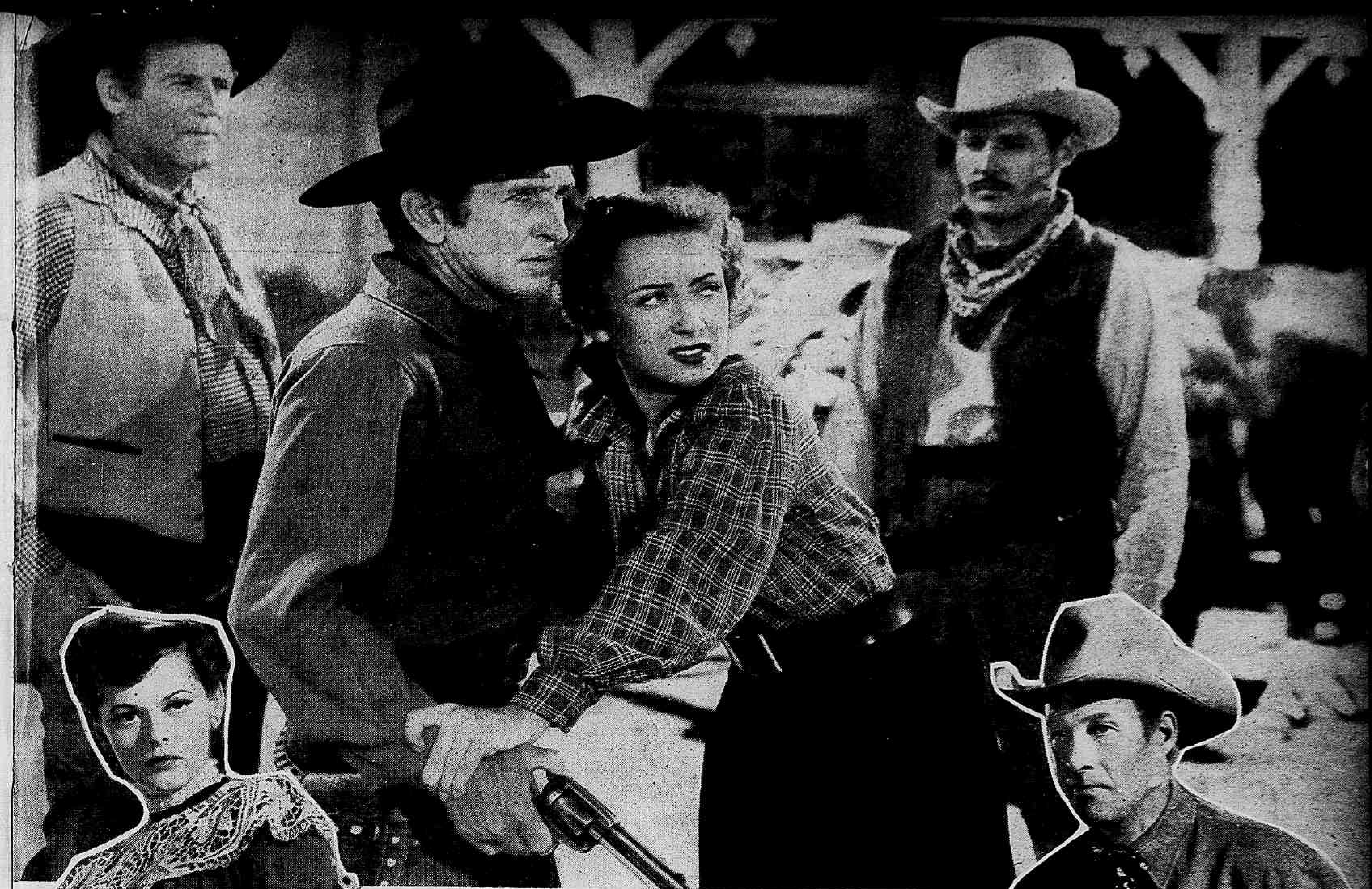
★

"MEMINGWAY E HOLLYWOOD"

"Êste escritor, tão cru e tão pessimista na apresentação de seus tipos, ambientes e acontecimentos, decerto não poderia merecer de Hollywood, nas transposições de seus romances e "short-stories" para a tela um tratamento digno da sua importância literária. Como se sabe, o cinema norte-americano vive sufocado pelas garras de uma censura intolerante e também para piorar ainda mais a situação pela orientação exageradamente comercial da grande maioria dos seus produtores. As histórias de Hemingway, portanto, não servem ao cinema de Hollywood a não ser depois de passadas por um violento processo de "depuração" orientada pela cartilha de censores e produtores.

Os romances e "short-stories" de Hemingway aproveitados por Hol-

(Cont. na pág. 24)



"ÓDIO SATÂNICO"

ENRÊDO

«RINGO BAKER» (William Elliot) célebre bandido, invade o Território de Utah para avistar-se com sua namorada Lewy Weston (Adrian Booth). Êle está sendo perseguido por seu irmão, o Tenente Mike Baker (Jim Davis) pelo assassinato de um capitão, a quem matara em defesa própria. Sentido remorsos depois de intencionalmente atirar em Mike, Ringo abandona seu revólver e desarmado enfrenta a batalha...

O ricaço Wade Proctor (Grant Withers) um rude proprietário de rancho, auxiliado pelos seus pistoleiros Dancer (Bob Steele), Fergus (Roy Barcroft), e Polk (Marshall Reid) estão apoderando-se dos pequenos ranchos das redondezas. O jovem Glenn Larrabe (Noah Berry) divergindo de Proctor, junta-se a Ringo e seus rancheiros combinando fôrças, e reunindo todo gado num só rebanho. Proctor rebela-se, e faz o estouro da boiada indo trabalhar o alcoólico Juiz Cole (Will Right) que é obrigado a assinar uma autorização, para que todos os rancheiros abandonem seus lotes. Mas, Louise (Bárbara Fuller) a filha do Juiz e noiva de Glenn, obrigando o pae a anulár a ordem.

A guerra sôbre o rancho chéga ao auge, quando Ringo faz os maiores distúrbios nas ruas de Gunlok. Chegando desarmado, justamente com os rancheiros provocados pelos pistoleiros de Proctor e já quase entregando os pontos, Ringo acerta em Dancer e Fergus. Proctor morre devido a um ferimento por bala e o resto dos homens foge. Quando prêso Ringo alega defesa própria, e em liberdade segue para o Sul levando Liwy Weston em sua companhia.

Título original

THE SAVAGE HORDE

E L E N C O :

WILLIAM ELLIOT — ADRIAN BOOTH — GRANT WITHERS — BARBARA FULLER — NOAH BEERY — JIM DAVIS — BOB STEELE — DOUGLASS DUMBRILLE.

Produção e direção de Joseph Kame — Filme da Republic



Esta é Pier Angeli Simples, muito simples como o são as mais belas flores.

SEU NOME E' ASSIM
PIER ANGELI

NA pequena vila italiana de Scascoli, situada nos Apeninos sôb e Bologna, certo dia de maio último, um grupo de ex-soldados se encontrava conversando na praça local enquanto aguardava a chamada para participar como extras numa produção de Arthur M. Loew para a Metro-Goldwyn-Mayer, intitulada "Teresa".

— Será possivel? — perguntava um dêles. — Em que tipo de negócio fui eu me meter? Aceitei êste trabalho mais para ver os "astros" do que pelo dinheiro. Mas, êles parecem não ter "astros" neste filme. Ainda há pouco conversei com um dos atores e êle me disse que êste é o seu primeiro trabalho no cinema. E, quanto à garôta — qual é mesmo o nome dela? — ah, Pier Angeli, é de fato muito bonita, mas quem ouviu falar dela nos Estados Unidos?

O ex-soldado, estudando na Itália, poderia ter acrescentado "e quem ouviu falar dela na Itália" também. Pois, Pier Angeli é qualquer coisa de novo no cinema — uma característica que geralmente se atribui às descobertas sensacionais, que neste caso foi moldada por Fred Zinnemann, seu diretor no filme "Teresa", da Metro-Goldwyn-Mayer.

— E' a pequena mais talentosa com quem já trabalhei — comentou Zinnemann logo que te minou as seqüências do filme na Itália. "Ela combina talento com uma grande personalidade. Em certos momentos, mostra-se quase infantil, para revelar-se logo em seguida surpreendentemente adulta. Suas emoções são as de uma menina, mas sua mente tem a madureza que só adquirimos com a idade e a experiência — e tudo isso acontece sem que ela o perceba.

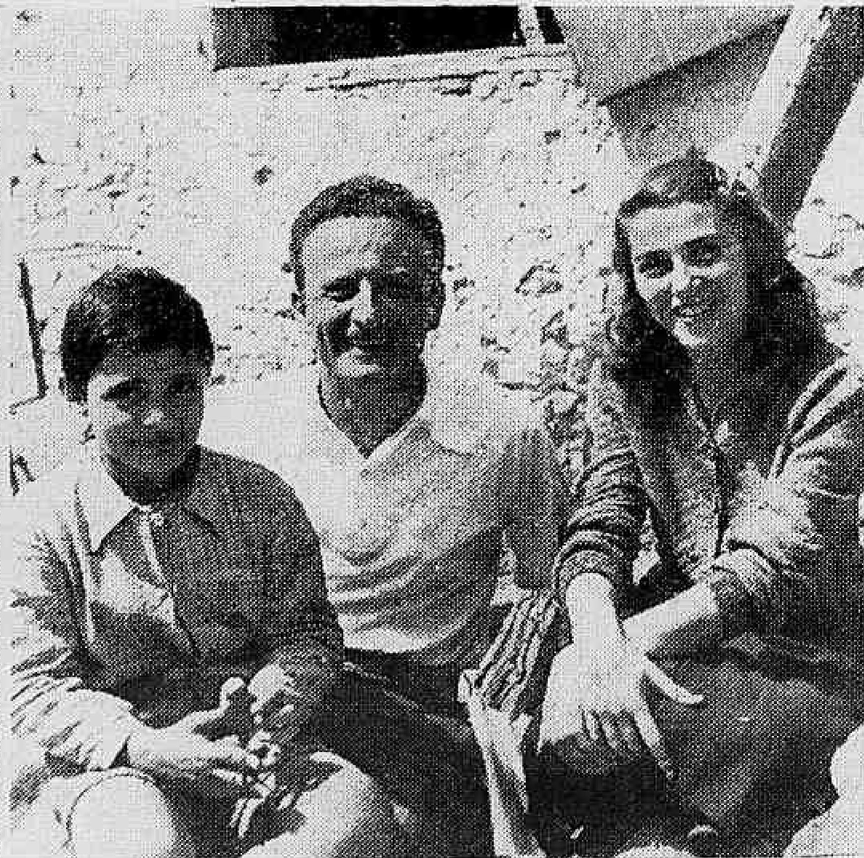
Certo luminoso dia de primavera, pouco antes da hora do almôço, Pier Angeli desapareceu do "set" de Scascoli. Tinha ido para um campo das proximidades para que um fotógrafo tirasse fotos suas para uma revista. Esta possibilidade não ocorreu, porém, ao diretor. E quando o fotógrafo voltou ao "set", Pier não se encontrava com êle, só aparecendo 10 minutos mais tarde. Zinnemann já começava a repreendê-la quando ela repentina lhe apresentou um "bouquet" de cravos vermelhos. Atrasara-se na volta ao "set" parando para os recolher. Logo que começou a filmagem, porém, Pier perdeu seu aspecto de garôta, vivendo a figura que representava com concentração quase hipnótica.

Uma das coisas que mais surpreendem nêsta jovem de cabelos castanhos-alourados, nariz perfeitamente modelado e olhos verdes, é que até há um ano atrás, não lhe passava pela cabeça a possibilidade ou o desejo de vir a tornar-se uma atriz. Encontrava-se estudando pintura e escultura numa escola de Roma quando Leonide Moguy, o diretor cinematográfico francês, viu-a numa festa em casa de um amigo. No mesmo instante virou-se para sua espôsa e falou-lhe emocionado: "Ali está a futura "estrêla" de meu filme."

Moguy preparava-se na época para filmar "Tomorrow Is Too Late", uma história sôbre os pro-



Pier Angeli e seu amor em «Teresa», John Ericson.



Num intervalo da filmagem de «Teresa», o diretor Zinneman com Pier Angel e o garôto.



Cena de idílio de «Teresa», com Pier Angeli e Ericson. Já estão comparando Pier a Garbo e Ingrid Bergman. Não será melhor esperar um pouco?

blemas mentais e físicos de uma jovem durante a transição da infância para a adolescência. Pier foi a "estrêla" do filme.

Depois disso aconteceram fatos interessantes na vida até então muito simples de Pier Angeli. Vittorio de Sica, o famoso diretor cinematográfico italiano cujo "Ladrões de Bicicletas" se tornará pròvàvelmente um clássico no cinema do século vinte, viu-a casualmente certo dia na Via Veneto, e, decidido a conhecê-la, pôs-se a segui-la. Pier entrou em uma galeria de arte, onde De Chirico, o pintor italiano, exibia seus trabalhos. De Sica seguiu-a, e quando conseguiu falar-lhe, exigiu em gestos dramáticos que ela se submetesse a um "test" cinematográfico para êle.

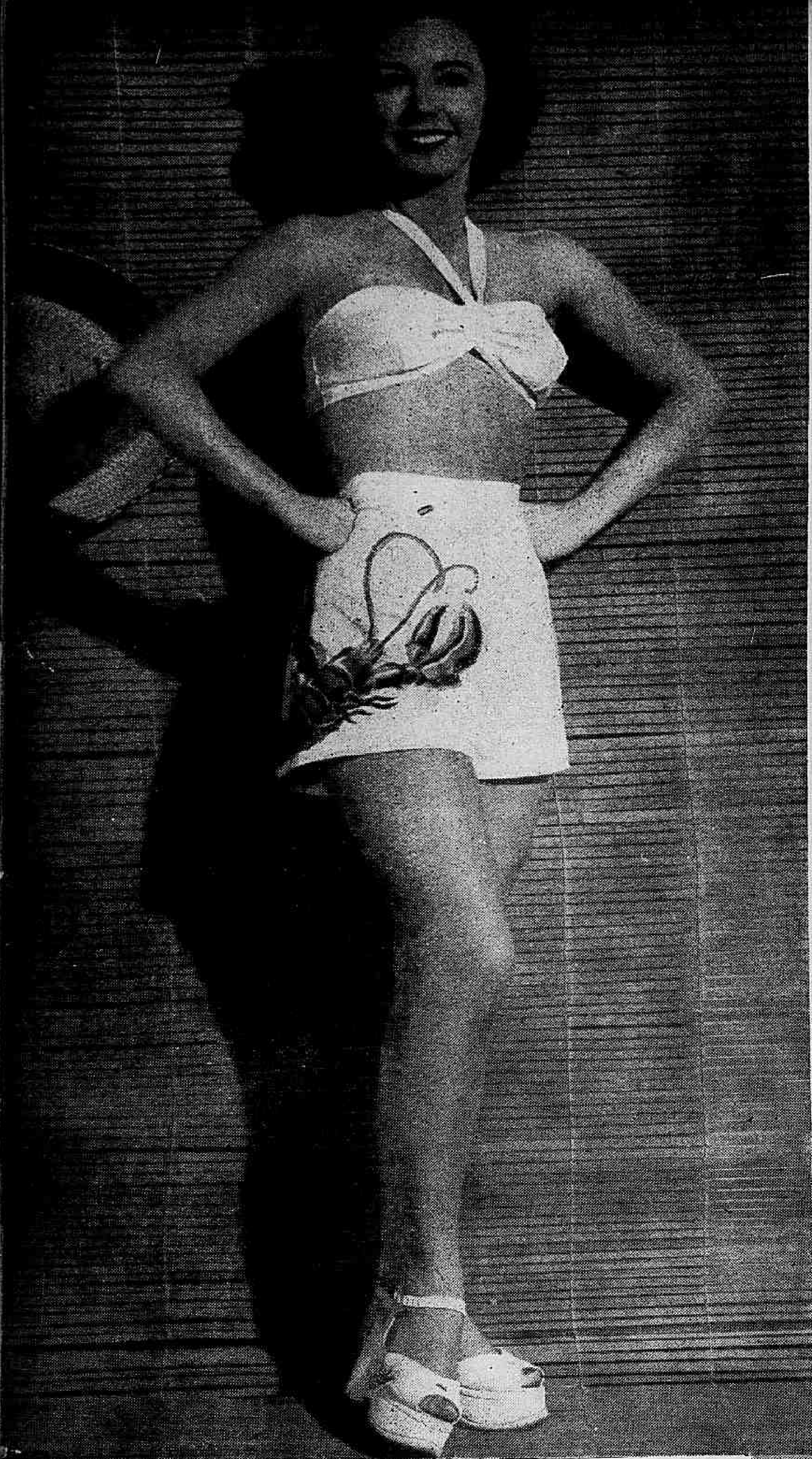
Pier, que reconhecera o famoso diretor, mostrou-se lisonjeada, mas disse-lhe que seu pai nunca lhe permitiria que fizesse tal coisa. (Ela já havia assinado um contrato com Moguy, mas De Sica, que nunca a tinha visto antes, ignorava êsse fato). Moguy e De Sica tornaram-se mais tarde associados em "Tomorrow Is Too Late", e quando o diretor italiano viu Pier no "set", mostrou-se estupefato, e depois zangado. Hoje, porém, êste primeiro encontro é motivo de riso para ambos.

Pier foi escolhida para o principal papel de "Teresa", graças a uma extraordinária coincidência. Quando Stewart Stern, que juntamente com Alfred Hayes, foi o responsável pelo "script" do filme, partiu para a Itália no inverno passado, anunciou nos jornais que precisava de jovens de 15 a 20 anos, com ou sem experiência dramática, que soubessem ou não falar inglês, para serem experimentadas para o papel de "Teresa". Pier não chegou a ver o anúncio, mas certa manhã sua mãe foi chamada ao telefone: "Aqui fala Damico — disse-lhe a voz. — Leve sua filha para experimentar o papel de Teresa". E dizendo apenas isso, desligou. Silvio Damico, diretor de uma das mais conhecidas academias dramáticas da Europa, não permitira a nenhuma de suas alunas que tentasse conseguir o papel. Achava que elas não tinham ainda preparo bastante. Pier Angeli nunca se tinha encontrado com êle, mal sabia

(Cont. na pág.30)



Um flagrante de Pier Angeli e John Ericson, o par de «Teresa».



BARBARA
--- FULLER ---

Loura, olhos azuis, foi um sucesso fenomenal em seu primeiro filme, a denúncia sôbre o comunismo feita pela Republic — "A Ameaça Vermelha". Iniciou-se no rádio ainda muito jovem, e aos 18 anos estava trabalhando em 25 programas por semana. Depois de contratada pela Republic, já trabalhou em "Sombras de Ambição", "Choque de Gigantes", "Ódio Satânico" e "Fúria dos Peles Vermelhas".









LENA
HORNE

(Metro)

ROTEIRO DE VIAGEM

CRONICA DE BUENOS AYRES



de ALBERTO CONRADO

(Enviado Especial de «A CENA» aos paises da América Latina)

O filme estrangeiro no mercado argentino

BUENOS AIRES, Janeiro. — Para o melhor funcionamento da parte econômica do cinema, tem-se que pensar obrigatòriamente no público e na medida do possível, concordar com êle. Para reconstruir o panorama do filme estrangeiro no mercado argentino nada mais oportuno de que auscultarmos êsse público que é, afinal quem orienta o «mercado do celulóide». Não vem aqui ao caso os quadros comparativos nem as estatísticas porque, além de sua aridez, resultam aborrecidas ao expô-las. Mas o que é certo é que o público argentino continuadamente faz estas perguntas: «Por que não se mantém um certo nível nas salas de estréia? Por que tanta escassez de películas estrangeiras? Por que não se vigia a qualidade dos filmes? Essas perguntas tão simples encerram complexidade que, dificilmente, o espectador platense poderia aperceber-se sem penetrar em abismos insondáveis, relacionados com a previsão da película virgem, com o sério problema argentino da disponibilidade de divisas, com as licenças de importação, com os sistemas de produção, distribuição das fitas, etc. As experiências no cinema se fazem nas salas exibidoras que é o mostrador onde se exibe a mercadoria cinematográfica já pronta e onde se recebem as sugestões e impressões, se definem os triunfos e os fracassos e onde se comprovam, até certo ponto, as transformações e a evolução no gôsto do conjunto. Ali o público aprova ou rechassa os propósitos de quem produziu o filme e de quem o distribui. Dêsse mostrador e das conversações com os exibidores locais temos recolhido algumas impressões e bastante queixas. A causa de que durante meio ano não se receberam filmes americanos na Argentina e não se autorizaram as estréias de películas italianas que mantinham normalmente com a quantidade necessária as programações platenses, recorreu-se ao material sem importância — o único disponível — que dormia faz bastante tempo nas prateleiras, tirando-lhes o pó acumulado em muitas latas de filmes, destinadas certamente a continuar esperando até que se esquecessem delas ou até que a ação destrutiva do tempo as fizesse perder. Depois, atrapalhados com as circunstâncias, os exibidores argentinos tem vindo oferecendo sistemàticamente as reposições dos velhos êxitos e para ainda mais desconcertar o público — ávido de espetáculos — só estão projetando reestréias em cópias lamentáveis. Nessas estranhas situações de ordem comercial, se fizeram demonstrações curiosas: alguns filmes que não tiveram êxito quando estrearem, o tiverem agora e até outras exibidas recentemente nas salas dos subúrbios tem atraido multidões como se fôssem grandes estréias.

A situação do filme estrangeiro na Argentina é crítica. Assemelha-se como se da noite para o dia não se recebessem mais livros e o material de leitura para a povoação fôsse obrigatòriamente o mesmo do que dispunhamos ontem, e por conseguinte deveriamos recorrer ao que antes depreciavamos ou ler novamente o já conhecido. Também o cinema como meio de cultura alcança os mais amplos setores e as imagens que se difundem, se fixam incontestàvelmente com maior facilidade na memória do que a leitura; por isso chega-se à simples conclusão de que se tem produzido na Argentina um temporário estacionamento de ordem cultural. É a situação, se continua assim, agravar-se-á porque o stock de velharias se vai esgotando. E então passará como o que nos contavam no Brasil de certos paises aos quais sòmente chegam cópias de filmes tão velhos, e usados, e marcados, que êles pensam que no país de origem dos mesmos sempre chove. Vemos a necesidade de que os argentinos peçam aos empresários cinematográficos que façam arranjar os tetos das salas dos cinemas para evitar o cacête chovisco produzido na realidade pelas líneas verticais que se marcam no celulóide (nas cópias muito usadas) pelo desgaste e fricção nas rodelas das máquinas projetoras. Êsses choviscos poderão ser mais ou menos silenciosos. Entretanto, algumas vêzes se verão, como já ouvimos, acompanhados de trovões produzidos pelas descargas sonoras, supondo que as marcas afetam as bandas do som. Com alguma imaginação, êsses choviscos se poderão interpretar como lágrimas de sofrimento, provocadas ante a injustiça que significa o excesso de trabalho. Apesar de tudo sempre rendemos homenagens ao bom filme, seja qual fôr o cumprimento de suas barbas. Afinal, nestes últimos anos da história do cinema, haverá uma página em branco. Nas conversações diárias se ouve comentar como «leit motiv» o momento cinematográfico em têrmos que nos demonstram que estamos navegando à deriva, resistindo a um temporal passageiro e que esperamos que dure pouco tempo mais.

Torna-se necessário vislumbrar a costa já que o panorama segue sendo incerto...

Possibilidades da televisão na Argentina

BUENOS AIRES — Janeiro — Vários esforços se têm manifestado na Argentina a fim de incorporar a televisão ao país. Tem-se tentado, por parte dos líderes do broadcasting porteño, dar a «maravilha do século» a esta grande cidade de Buenos Aires, após os maravilhosos espetáculos a que assitira esta capital durante o recente Congresso Internacional de Cirurgia. E as possibilidades de que êsses serviços se incorporem por pouco tempo à vida argentina se fazem mais animadoras quando o próprio govêrno de êste país expressou seu apoio, sem reservas, a tal conquista. As autoridades estão dispostas a fomentá-la não só sob o ponto de vista da transmissão, mas também da recepção segundo sublinhou o próprio Presidente da República, ao propor a fabricação na Argentina de receptôres baratos de televisão ao alcance de todos os consumidores. Com razão tem-se afirmado que muito poucas regiões no mundo oferecem para a televisão um campo mais propício do que Buenos Aires. Pelo fato de encontrar-se num extenso vale onde se levanta a conglomeração da cidade, faz acreditar a perfeita recepção dêsse tipo de programas. De início, o serviço seria para a capital federal, ampliando-se depois para o conhecido sistema de cadeia, na forma como se utiliza nos Estados Unidos. Sabemos que se estão fazendo gestões nesse sentido e se chegarem a bom término, antes de um ano, a televisão será uma realidade neste país. Os magnatas da rádiodifusão argentina comentam com pesar a conquista da televisão por parte do Brasil antes da Argentina. Desejariam ter sido os primeiros a darem tão grande passo e com notório orgulho dizer, serem os argentinos os precursores da televisão na América do Sul. Entretanto, explica-se o adiantamento do Brasil neste caso. A rgentina não pôde escapar à precária situação econômica de após-guerra. A nova política argentina, caracterizada por uma grande revolução nacionalista, motivou a escassez de dólares ou das divisas. O encampamento de fábricas, linhas ferroviárias, companhias etc., controladas por capital estrangeiro, esgotou as reservas em ouro. Daí as severas restrições ao produto de fora. Enquanto as relações econômicas entre o Tio Sam e o Brasil continuavam firmes, o panorama com a Argentina estava meio escuro. Quer dizer que unicamente o problema monetário impede a instalação da televisão na Argentina. Os argentinos sabem da importância de tão grande descobrimento e meio de comunicação de inestimável valor. Por isso a televisão passou a ser um serviço regular nos Estados Unidos, o país mais adiantado na matéria. Na terra da bandeira estrelada tem-se tanta confiança na penetração das imagens televisionadas que baratearam os receptores até extremos que pareciam impossível, anos atrás, que um programa de uma hora de duração custasse nada menos de que ... 47.000 dólares. Todos seus detalhes se aperfeicionam. Já não se submete o artista à violência de representar ante às câmeras, sem a possibilidade de defender-se em caso de qualquer falha. Justamente porque as transmissões custam tanto dinheiro e esfôrço, se filma prèviamente em 16 mts. e o que finalmente se projeta é o filme sem margem para qualquer eventualidade desfavorável. Tal é a perfeição destas transmissões que se tem dito que esta nova modalidade de espetáculo acabará violentamente com a cinematografia, o que nos parece um absurdo. Nada está vedado pois às posibilidades da televisão, cuja fôrça cresce a passos de gigante. A Argentina, dada a categoria de seu rádio, precisa incorporar quanto antes a televisão.

(Cont. na pág. 30)

Número de filmes estrangeiros estreados na Argentina em 1949

Chilenos	1
Mexicanos	14
Espanhóis	11
Alemães	10
Húngaros	1
Franceses	10
Italianos	46
Americanos	120
Inglêses	12
Indus	1

Recórdes de bilheteria de filmes estrangeiros na Argentina:

Filme distribuidora	semanas	total (pesos $)
Belinda (Warner Bros.)	22	912.000
A Ama Sêca (Fox)	24	696.000
E o Vento Levou (MGM)	45	532.000
O êrro de estar vivo (Guaranteed)	14	516.000
Em qualquer parte da Europa (Cosmos)	15	439.000
O homem das sete vida (D.I.A.)	8	412.000
O Côrvo (D.I.F.A.)	19	379.000
Arco do Triunfo (MGM)	7	370.000
Lua sem mel (Universal)	6	278.000
A bela e a Fera (A.A.A.)	5	250.000

Observação: — A Argentina, com uma povoação de 16 milhões de habitantes, possue 2.190 cinemas ou seja uma localidade por 16,7 hab. 80% dos filmes reestreados em 1949 foram também em 1950.



Uma cena 100% romântica é essa em que aparecem Maureen O'Hara e John Wayne no filme da Republic, «Rio Bravo»



Outra cena puramente romântica está aí representada por Vera Ralston e Walter Brennan em «A Escrava do Pecado», da Republic

O QUE VEM A SER ROMANTISMO?

por CLÉLIA CLAY

O conceito sôbre o romantismo varia não só de região para região, como também de indivíduo para indivíduo. E é natural que as «estrêlas» de cinema, cujo maior ou menor sucesso é justamente aferido pela maior ou menor verossimilhança na reprodução do romantismo na tela, defiram também em seus conceitos.

Maureen O'Hara, por exemplo, que tem vivido na tela inúmeros papéis românticos, costuma dizer aos seus íntimos: — «Nada existe de mais romântico do que o sentimento que leva uma pessoa a fazer sacrifícios por outra. A simpatia, a piedade, a abnegação materna e o desejo de conduzir uma alma rebelde ao bom caminho não deixam de ser, igualmente, sentimentos impregnados do mais suave perfume romântico».

John Wayne, o galã de Maureen em «RIO BRAVO», expressa-se assim: — «O sublime impulso que leva uma pessoa a arriscar a própria vida por amor de uma outra pessoa do sexo oposto, é, no meu modo de ver, a quinta-essência do romantismo».

A opinião de Vera Ralston difere da de seus colages: — «Quando um incidente ocorrido em nossa adolescência — tal como um encontro a bordo de um navio, ou um passeio ao luar —, volta a se reproduzir mais tarde, na maturidade, a emoção, no segundo caso, é muito mais forte e constitui, no meu ponto de vista, um dos momentos mais românticos da vida de uma pessoa».

Estelita Rodriguez, o «Foguete Cubano» da Republic, resumiu a sua maneira de pensar nas seguintes palavras: — «Nada existe para mim de mais romântico do que o domínio que o marido deve exercer sôbre a espôsa. Não acredito na felicidade conjugal dos casais que prescindem dêsse toque de romantismo.

Forrest Tucker fala de modo mais amplo: — «Qualquer ocorrência que provoque a admiração mútua de duas pessoas de sexos diferentes, trás em seu bojo uma boa dose de romance. E esta dose aumentará de proporção se o homem confiar na mulher, e ela se sentir por êle amparada e protegida».

Já a «partenaire» de Forrest em «FÚRIA DOS PELES VERMELHAS», a encantadora Adrian Booth, não concorda com êle: — «Acho que o romantismo nada tem a ver com o lado prático da nossa existência. Romance implica em sacrifício, e hoje em dia, em matéria de amor, não é muito fácil se encontrar quem esteja disposto a ser prejudicado em proveito de outrém.

E eis aí a que ficou reduzido o romantismo em contacto com as celebridades da tela.



E, finalmente, Forrest Tucker e Adrian Booth numa cena de grande romantismo em "Fúria dos Peles Vermelhas"



Estelita Rodrigues e Robert Rockwell vivem juntos esta cena romântica em «Um Brotinho das Arábias», da Republic

CARTA AO EDITOR

Niterói, 7 de janeiro de 1951.

Sr. Redator-Chefe d'A Cena Muda.

Cordiais saudações.

Como fan antiga d' «A Cena» venho solicitar alguns minutos da sua preciosa atenção. Quero através desta dar-lhe meus parabens pelo número de festas da revista. Estêve repleta de coisas realmente interessantes.

Devo destacar: «Um encontro com René Clair», «Hollywood em 3 tempos» em que o notavel Waldemar Torres continua com a sua graça de outros «tempos» e, o que leva como assinatura o seu nome, desde «Movietone» que pinta com dramáticas sim, porém verdadeiras côres o Mundo de hoje, passando por «Novos horizontes», cheio de apoio às novas iniciativas em Cinema Nacional — o que é o maior elogio que se lhe poderá fazer — até ao leve o encantador «O que é preciso para ser Estrêla».

Em segundo plano, também muito bons os seguintes: «Japonêsa por acaso» (no qual só achei um defeito: não apresentou os filmes de Joan em ordem cronológica). «Correio do Fã», secção que não encontrei na «A Cena» anterior e que espero encontrarei daqui por diante — sem ela, vamos convir sr. Leon, «A Cena» já não seria tão simpática como sempre foi, «O desenvolvimento do Documnetário», «Quando sobe o pano», como crônica ligeira muito interessante e muito bem situada no local em que está, isto é sem o destaque das primeiras páginas.

«Flashes mundiais» também é uma boa secção (faz um pouquinho de propaganda da Paramount, porém é uma propaganda boa, nela nada existe não aceitável por um «fan» mais precavido. Principalmente no que se refere ao cinema norte-americano é uma boa página do número festivo de «A Cena». Gostei da secção de Rádio — ela como também «Melodias para você» embora não sendo secções pròpriamente de cinema, (a de Rádio, aliás, nada tem a ver com êle) tornam ainda mais atraente «A Cena Muda». Quanto à «Telas da Cidade» só tenho uma restriçãozinha a fazer: o sr. Alex Viane não poderia apresentar crítica de filmes exibidos pelo menos na semana passada à da publicação da revista? Assim como filmes de 15 dias está um pouco atrasada, o sr. não acha?

Para terminar esta já longa carta, quero apresentar os meus agradecimentos pelas novas secções acrescidas. «Antologia dos cronistas cariocas» tem como principal valor tornar mais interessante ainda a leitura das críticas de filmes pelo conhecimento do temperamento e modo de pensar do autor. Sôbre «Cine-teste»: Sempre soube que a Revista recebe com tolerância e simpatia as sugestões dos seus leitores. Por isso, na certeza de que o senhor receberá sem desagrado as minhas palavras, vou fazer uma: o sr. não acha mais louvável saber-se quem dirigiu um filme do que quantos anos tem um ator ou uma estrêla ou onde nasceu qualquer dêstes? No entanto, com sòmente 3 perguntas sôbre

(Cont. na pág. 30)

ANTOLOGIA

(Cont. da pág. 14)

lywood não puderam fugir aos cortes e às adaptações extremamente livres. O "Adeus às Armas" chegou a sofrer acentuadas modificações no seu próprio desenvolvimento original mesmo numa época em que Hollywood gozava de relativa liberdade; pode-se exemplificar, neste particular, a modificação feita no fim frio e abafante mas terrìvelmente pelo do romance com o Frederic Henry saindo do hospital para a rua, "lentamente, sem dar atenção à chuva, depois de olhar para a Catherine morta, estendida na pedra gélida", pelo final do filme em que o americano carrega nos braços a enfermeira morta, enquanto em imagens simbólicas superpostas, os sinos anunciam o término da guerra. O fim do filme não é mau, evidentemente. Mas a verdade é que os sinos anunciando o término da guerra modificaram o sentido pessimista da história. O fim da guerra trágica amenizou a tragédia amorosa".

(Diário de Notícias" 14-5-1950).

O AMANHÃ...

(Cont. da pág. 11)

bera a Cotter pelo assalto. Três minutos mais e Cotter estava negociando com os policiais e quando êles sairam, dez minutos depois, carregavam no bôlso o dinheiro de Cotter e nenhuma prisão fôra efetuada.

— Pelo menos há três homens desonestos no mundo — sorriu Cotter, enquanto Holiday sentava-se no sofá. — Não sou o único.

Êle tornou a sorrir e se dirigiu a uma gaveta, de onde tirou o revólver que usara na fuga da prisão.

— Felizmente, tivemos muita sorte. Um policial que pode ser subornado é um "tira" que nos pode matar — Cotter pôs o revólver no cinto. — Estarei de volta em uma hora.

— Não chegue perto de Mason... afaste-se dêle.

— Eu não estava nem ao menos pensando nêle... mas, precisamos de algum dinheiro para sair da cidade.

— Ralph, não! Você já fêz de mais. A sua sorte pode não durar...

Ela ainda estava implorando-lhe quando chegou Jinx. Êle vira os policiais e se escondera. Portanto, ainda tinha os seus dois mil dólares.

— Talvez não tenhamos mesmo de fugir — disse êle suavemente. — Jinx, o que é necessário para fazermos uma gravação aqui?

Jinx enumerou uma lista de artigos elétricos.

— Arranje-os — ordenou Cotter. — E dê-me os seus dois mil dólares.

— Seu tolo! — Holiday estava novamente segurando o seu braço. — Seu tolo e maluco! Tente incriminar Weber e você irá parar no necrotério. Êle é sabido.

Cotter estreitou os olhos; quase que fechando-os completamente.

— Êle deixou de ser sabido no momento em que tirou o meu dinheiro.

— Êle ainda está numa ótima situação — haviam lágrimas nos olhos de Holiday. — Sabe proteger-se contra um elemento vulgar que tenta...

Mas, Cotter estava olhando era para Jinx.

— Arranje o material e comece a trabalhar. Encontra-lo-ei aqui dentro de uma hora. — Virou-se para Holiday e disse: — Belezinha, amanhã a esta hora a palavra *vulgar* não mais estará em seu dicionário.

Realmente, o trabalho foi bem fácil. Cotter conseguiu atrair Weber e Reece ao apartamento de Holiday e a gravação foi feita. Depois de a terem ouvido, clara como cristal, os dois homens procuraram o doutor Green, um advogado que não era nem advogado nem doutor.

O dr. Green, mais tarde Cotter o descobriu, tinha instituído uma falsa religião e até a filha do homem mais importante do Estado, Margaret Dobson, filha de Ezra Dobson, distribuía os seus panfletos. Em tôda a sua vida de homem "fora da lei" o dr. Green só tinha uma mágoa e esta era de Cherokee Mandon, o mais sujo e inescrupuloso advogado que jamais conseguira ficar fora da prisão.

Assim, dos aposentos do "vigarista" dr. Green, Jinx e Cotter foram procurar Cherokee Mandon, que o dr. Green lhes indicara como sendo o mais sujo e inescrupuloso de todos os advogados dos que vivem no mundo do crime que jamais conseguira manter-se longe das barras de uma cadeia. A princípio, Mandon não quis acreditar que Weber e Reece pudessem ser incriminados, mas, por fim, concordara em vir até a casa de Holiday para ouvir o disco.

— Estou convencido, mas não sei o que dizer — disse o advogado quando as vozes de Weber, Reece e Cotter haviam cessado.

— Tudo o que quero é *sim* ou *não* — disse Cotter. — Então?

— Oh, êle está à sua mercê. No entanto, êle é um sujeito duro. O mínimo êrro e você nunca saberá de onde partiu a pancada.

Holiday estava escutando tudo calada. Finalmente, abriu a bôca:

— Então, êles estão mesmo à mercê de Cotter?

— Pode ficar certa disso — respondeu Mandon.

Holiday virou-se até que ficou de frente para Ralph Cotter. Caminhou em sua direção e enlaçou o seu pescoço com braços roliços. Beijou-o e disse:

— Creio que êle tem mesmo.

Certamente, Reece e Weber não gostaram de se terem metido numa sinuca. Mas, Cotter tinha feito uma cópia do disco e a tinha mandado para uma pessoa que o entregaria ao chefe de policia Tolgate, o superior de Weber e um sujeito honesto, caso algo lhe acontecesse.

— Acaso os convidamos para esta visita com o fito de que vocês nos matassem? — Cotter sorriu cinicamente. — Não foi êsse o nosso desejo. Queremos convidá-los para entrar para nosso clube. Como vocês sabem, o chefe de policia come policiais corrompidos no café... desejamos de vocês apenas um pouquinho de colaboração.

À noite, Cotter celebrou o acontecimento, mas não com Holiday. Durante várias horas correu através de modernas estradas ao lado de Margaret Dobson, descobrindo não sòmente os seus encantos

(*Cont. na pág. 30*)

Senhora!

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

O MENINO DE OPPELN

(Cont. da pág. 9)

dormindo. Trabalhava ativamente e, quando se via livre dos compromissos, dormia, onde se encontrasse.

Nos anos de intenso trabalho em Paris, Franz encontrou o seu segundo grande amor. Outras aventuras deve ter tido em sua vida de artista. Mas, a maioria delas estão varridas pelo tempo, pelo menos na memória dos seus amigos. Pode ser que, no fundo da mente do compositor, tôdas elas repousem guardadas, como suaves recordações, algumas doces, outras com um tênue travo de fel...

Mas, como ia dizendo, em Paris, Franz Waxman conheceu o segundo grande amor de sua vida. Era no ano de 1933. Na primavera, a Capital do Mundo sorria pelos lábios das midinettes cansadas que viam na nova estação a época do amor mais intenso e os "boulevards" refloriam numa como que revivescência de tôdas as paixões. Como Franz a conheceu? Faltam-me os detalhes. Chamava-se Alice e estava em Paris aguardando o pronunciamento dos tribunais alemães sôbre o seu divórcio. No "hall" de um hotel, na entrada de um teatro ou numa reunião de amigos comuns...? A verdade é que Alice, apesar de decepcionada com o seu primeiro matrimônio, não havia esgotado a sua capacidade de amar. E Franz lhe pareceu o homem que merecia o seu amor. Amaram-se. E, nos braços de Alice, Franz recuperou tôdas as suas energias e a sua capacidade de amar.

Alguns anos depois, contratado por Eric Pommer, Franz Waxman despedia-se de Alice, pois ia para a América, atuar nos estúdios da Paramount, em Hollywood. Alice ficaria aguardando o pronunciamento do seu divórcio e viajaria para os Estados Unidos, onde se casariam.

Hoje, casados há vários anos, têm um filho e vivem na mais doce conjunção de sentimentos e aspirações.

Os hábitos de Franz parecem permanecer os mesmos. Trabalha como cem homens nos instantes em que é necessário, rege orquestras, escreve música para o cinema, compõe suas obras, organiza orquestras e concertos e tôdas as dezenas de coisas que um compositor do seu talento, com renome, tem que fazer. E, terminado o seu serviço, não precisa de muito para descansar: basta recostar a cabeça, sentado numa poltrona, e dorme como se o mundo inteiro não existisse ao seu redor...

Muito estimado e aplaudido em Hollywood, Franz Waxman é um trabalhador infatigável e vem construindo uma das obras mais interessantes que tivemos oportunidade de ver. Sôbre a sua personalidade musical, já tive oportunidade de me referir no início desta reportagem. Sôbre a sua vida... bom, acho que já falei bastante.

No tumulto da maior metrópole do mundo, trabalhando em Hollywood, Franz Waxman, entretanto, ainda tem alguns momentos para recordar o passado e lançar um olhar retrospectivo à pequena aldeia de Oppeln e lamentar, junto aos seus amigos mais íntimos, a velha e confortável cama que ali deixou, há tantos anos atrás...

A MÚSICA POPULAR EM 1950

(Cont. da pág. 5)

bas em sêlo Odeon. O velho Jean Sablon perpetuou-a também mas, infelizmente, sua versão quase não apareceu. Tivemos ainda um bom «J'ai Bu» de Georges Ulmer e um esplêndido «Les Feuilles Mortes» de Jacqueline François, mas êsses dois discos lamentàvelmente não conseguiram «entrar». Tivemos também as temporadas de Yves Montand e Georges Ulmer, que registram sucesso na «boite» de Copacabana.

★

A música americana reabilitou-se em grande estilo em 50. Em comparação com o pálido 49, êste foi realmente um ano de ressurreição para a música estadunidense. Tivemos mais de uma dezena de «songs» que o nosso públicou assobiou e comprou os discos. As que apareceram melhor fôram «My Foolish Heart», «Mona Lisa», «C'est Si Bon» (em versão), «With a Song In My Heart»», «Terceiro Homem», «I'm In The Mood For love», «Blue Moon», «My Dreams Is Yours» e «Again», êste último sucesso do ano de 1949 e muito procurado em 50. O maior cartaz do ano neste gênero foi a cantora Doris Day, que abafou totalmente com suas gravações de «My Dream Is Yours», «Again», «I'm Confessin», «Canadian Capers» e «With a Song In My Heart». Com suas gravações MGM na praça, o grande cantor négro Billy Eckstine se impôs a um grande número de fans cariocas com suas notabilíssimas criações de «M Foolish Heart», «Caravan», «Everything I Have is Yours» e «Blue Moon». Dos novos apareceram bem Johny Desmond com «C'est Si Bon» (em MGM) e Hel Tormé com «Again» e «Blue Moon» (em Capitól).

★

Quanto ao jazz, não podemos dizer o mesmo. O público carioca, a não ser uma reduzida minoria, ignorou totalmente os movimentos verificados na evolução dêste gênero. Continuam como culpadas de assim haver acontecido as nossas fábricas gravadoras, que insistem em não editar nada de jazz. A Capitol, que conta em seu esplêndido catálogo com Woody Herman, Miles Davis, Lennie Tristano, Tadd Dameron e outros nomes de valor do jazz moderno, limitou-se apenas a editar um ou outro sexteto de Benny

(Cont. na pág. 31)

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FAGILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPÓSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

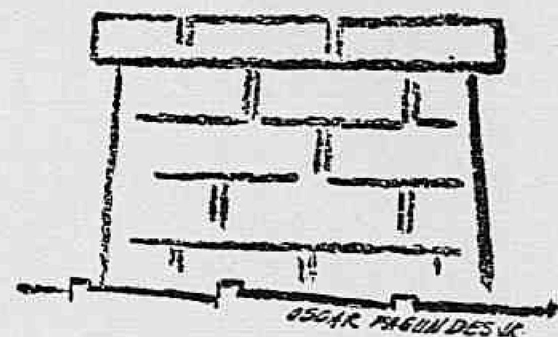
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

Uma cousa...

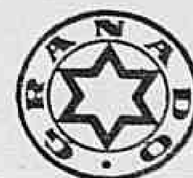


...exige outra





Polvilho Antisséptico
GRANADO



MONICA LEWIS

DA METRO

Que tal a fantasia?

CARNAVAL

JURAS DE AMOR

Samba de Humberto Teixeira e Antônio Manoel

ESTRIBILHO (Côro)

Das tuas juras de amor já
[cansei.
Cansei de tanto sofrer sem
[razão!
O amor, entre nós, não existe
[mais
Quem fala é o coração.

I

Eu fiz todo pssível, eu tentei,
Tentei, mas sem resultado
Tudo em vão.
Tuas juras de amor
São falsas, não têm perdão.

★

SEM DESTINO

Samba de Geraldo Pereira e Oldemar Magalhães — Gravado por Francisco Carlos

Eu canto assim
Pra esconder
A dor da ingratidão
De quem me fêz sofrer. } Bis

Sem destino vou penando
Até o meu dia chegar
Entreguei o coração
A quem não sabe amar.

★

DAMA, VALETE E REI

Samba de Bide e Sebastião Gomes — Gravação de Nelson Gonçalves

Tu és a dama
Eu sou valete, mas há um rei
Que põe o nosso viver pra
[trás
Sei que me tens amizade
Mas por infelicidade
Eu não posso fazer o que o
[rei faz.

Eu tenho vontade
Mas estou pra trás
Pois sou um valete
Só valete e nada mais
Fica em teu reinado
E me deixa em paz
Eu não posso fazer
O que o rei faz

TAMBÉM TENHO

Marcha de Peter Pan e Ari Monteiro — Grav. de Araci Costa

Também tenho
Também tenho
Que comer, que vestir e que
[calçar.
Também tenho, também te-
[nho
Um amor lá em casa a me
[esperar.

Você já tem telefone, gela-
[deira
Tem automóvel e apartamen-
[to no Leblon
Porque não deixa que eu ga-
[nhe um pouco mais
Do seu dinheiro
Pois eu também gosto do que
[é bom.

★

E R R E I

Samba de Arnô Carregal, Albertina da Rocha e Eicio Soares — Grav. de Jorge Veiga

Sim, fui eu que errei
Mas lhe peço perdão
Você partiu, mas deixou
A saudade no meu coração.

Meu desengano chegou
Depois da separação
Não resistindo à dor
Meu amor eu quero o seu
[perdão.

★

T O U R E I R O

Marcha de Haroldo Lôbo e Milton de Oliveira — Gravado pelo Trio de Ouro e Nelson Gonçalves

I

Toureiro
Sou toureiro de Madrid
Sou toureiro, sou valente
E nunca na arena
Pra um touro eu perdi
Mas se eu sou um bom tou-
[reador
E' porque Manolita bonita
Me deu o seu amor.
(*Bis*)

II

Se eu vou a qualquer parte
[da Espanha
Manolita me acompanha
Pra ela sou o maior toureа-
[dor
E ela é o meu grande amor.

★

FILOSOFIA BARATA

Samba de Peter Pan e Ari Monteiro — Gravado por Linda Batista

Ninguém faz graça
Com a barriga vazia...
E passar fome,
Nunca foi filosofia!
Vai trabalhar
Vai trabalhar
Primeiro comer...
Depois, filosofar! } Bis

Nove dias tem a vida,
Sendo três dias de amor;
Três dias de mentira
E três dias de dor;
E, na lousa do Destino,
Depois da conta somada,
Vem a Morte tira a "prova",
Noves fora... nada!

★

L I L Y

Samba de Haroldo Lôbo e David Násser — Gravado por Francisco Alves

Lily,
Se o nosso amor morrer
Eu sei que vou chorar
Eu sei que vou sofrer.

Se o nosso amor morrer
Lily eu nunca mais
no mundo hei de amar al-
[guém,
Podes crer
Viver sem teu amor
Lily não pode ser
O que será de mim
Se o nosso amor morrer.

★

NUNCA MAIS

Samba de Fernando Martins, Louro e Osvaldo Martins — Gravado por Linda Batista

I

Nunca mais
Hei de acreditar no seu amor.
(*Bis*)
O que você fêz comigo
Não se faz
Sai do meu caminho
E me deixa em paz.

II

Minha vida
Era um céu estrelado
Até o dia em que você me
[apareceu
Hoje choro lembrando o meu
[pasado
Um passado feliz
Que morreu.

Breck: Nunca mais.

★

GLU, GLU

Marcha de Xerém e Murilo Alvarenga — Gravação de Alvarenga e Ranchinho

Glu, glu, glu, glu, glu, glu
Quantas penas
Tem você peru
Glu, glu, glu, glu, glu, glu
Quantas penas tem peru.

Saí fantasiado
Com peninhas de peru
O vento me soprou
Acabei ficando nu.
— Que frio...

★

J U R E I

Samba de Dunga e Nássara — Gravação de Emilinha Borba

Jurei
Mas tenho mêdo de quebrar
A minha jura
Se aquela criatura
Voltar outra vez
Êle não tem coração
Não merece perdão
Pela ingratidão que me fêz.
(Foi por isso que eu)

Zombou do meu amor
Sorriu do meu penar
Deu tanta cabeçada
E agora quer voltar
Meu Deus do céu
Pra que perdoar
Êle não tem juízo
E vai outra vez errar...
(Foi por isso que eu)



NELSON GONÇALVES
Será o Rei?



ARACI COSTA
Será que tem telefone?



OSCARITO
Será Neném?



CARMÉLIA ALVES
Será que encontrará?

APRENDA A DANÇAR

Gene Nelson e sua "partner" dão grandes lições de dança no filme "No, No, Nanete" — (Fotos Warner)













OS filmes musicais estão sempre na ordem do dia. Mas, para que agradem plenamente, é preciso que tenham um bom "score" musical, bons cantores, pequenas bonitas, cenários luxuosos e grande variedade de bailados. Em verdade, de todos êsses ingredientes o que mais entusiasma o fã são os bailados, os números de dança. Tome-se como exemplo os filmes de Fred Astaire e Gene Kelly, cujo êxito reside, oitenta por cento, nos seus números coreográficos. Em "No, No, Nanete", da Warner, há de tudo isso e podemos salientar, desde já, um número que agradará plenamente os entusiastas da música americana: trata-se de uns "passos", ao ritmo de um fox, que Gene Nelson executa com rara habilidade acompanhado de sua partner. A CENA, prevendo o sucesso dêsse número, publica, aqui, os principais "passos" para que os fãs possam melhor aprendê-los e fazer "farol" num salão de baile. Você será capaz de executá-los? Não custa tentar. Afinal de contas, o próprio Gene Nelson ensaiou o número nada menos que 78 vêzes...



7



8



9



10



11



12

Carta ao editor

(Cont. da pág. 24)

direção o candidato se as acertar terá 15 pontos e nem será classificado como «fraco» enquanto que quem acertar as 10 perguntas sôbre os «astros» terá cotação intermediária entre «muito bom» e «ótimo». Não será possível um equilíbrio melhor das perguntas?

Sr. Leon, já tomei bastante tempo ao senhor e, portanto, vou despedir-me, desejando a «A Cena Muda» e ao senhor um 1951 cheio de felicidade. **Maria Apparecida Oliveira.**

SEU NOME É ASSIM

(Cont. da pág. 17)

quem êle era e ignorava que êle soubesse de sua existência. Mas, Damico tinha visto algumas das cenas de "Tomorrow Is Too Late" e se impressionara com a garôta. Resolvidas a seguir o conselho, Pier e sua mãe foram ver Stern no dia seguinte. Êste se impressionou a tal ponto com a jovem, que decidiu seria ela a escolhida para o papel.

Os "tests" foram enviados para os Estados Unidos, onde o diretor Zinnemann e o produtor Loew, depois de os examinarem, resolveram conhecer Pier pessoalmente. Sòmente duas semanas antes do início da filmagem, foi assinado o contrato — que dava a uma quase desconhecida o cobiçado papel de Teresa. Mesmo a essa altura, Zinnemann, que é extremamente cuidadoso em seus filmes, tinha ainda suas dúvidas: "Ela é linda e talentosa" — disse êle — "mas o modo de pronunciar o inglês é que me preocupa". Mas, depois que começou a trabalhar com ela e as primeiras cenas foram exibidas, Zinnemann declarou modestamente a um de seus assistentes: "Por pior que eu me conduza na realização dêste filme, Pier, sem dúvida, o tornará uma grande atração."

Os membros da companhia passaram a comparar a estréia de Pier com a de duas das mais famosas personalidades do cinema: Garbo e Ingrid Bergman. Talvez esta opinião seja apressada, dè vez que ao público cabe a palavra final nestes, e êste ainda não teve oportunidade de conhecer Pier. Mas, Zinnemann, falando a seu respeito, declarou: — "Se Pier fôr bem orientada, se tiver bons papéis, não apenas partes que procurem explorar seus atrativos, tornar-se-á uma das mais notáveis estrêlas da sua geração."

Partindo de um homem que realizou filmes notáveis como "Perdidos na Tormenta" e muitos outros de igual sucesso, tal opinião é de grande valor e coloca Pier entre as grandes promessas com que Hollywood conta atualmente.

Pier Angeli foi batizada com o nome de Anna Maria Pierangeli, tendo nascido em Cagliari, na Sardenha, no dia 19 de junho de 1932. Seu 18.º aniversário foi celebrado durante a filmagem de cenas de "Teresa" em Nova York. (Seu nome verdadeiro foi sacrificado atendendo à teoria de que os fãs não se lembram nunca de nomes excessivamente grandes). Pier tem uma irmã gêmea, Maria Luisa, nascida poucos minutos antes dela. Mas, a não ser pelo nome de "Maria", pouca semelhança existe entre as duas. Maria Luisa é morena, de cabelos negros, e sua constituição robusta difere muito das linhas frágeis que formam o rosto e o corpo muito louváveis da amável Pier Angeli.

— Ela assemelha-se a uma criação de Botticelli — disse o produtor Arthur M. Loew quando a viu pela primeira vez. E por certo o produtor não estava querendo fazer literatura. Falava o que sentia.

POSSIBILIDADES...

(Cont. da pág. 21)

Anuncia-se para Janeiro próximo a vinda à Argentina da atriz mexicana Maria Felix, juntamente com Cesáreo Gonzalez, magnata do cinema espanhol, o diretor Luís Savlawski e o poeta Jean Cocteau que escreveu para ela «A Coroa Negra».

★

Brevemente será exibido em Buenos Aires o filme «Uma mulher qualquer», produção espanhola que reúne três valôres. Maria Felix, Antônio Vilar e Rafael Gil.

★

Encontra-se nesta cidade a atriz de rádio, cinema e teatro brasileiros, Marion que vai aparecer no teatro numa revista do produtor Luís César Amadori, o diretor de «Deus lhe Pague».

★

Por carta recebida por César Amadori, da Palestina, um dos maiores sucessos cinematográficos do ano foi o filme «Deus lhe Pague». Diz a missiva que a crítica judia elogiou extraordinàriamente o conteúdo humano da obra do escritor brasileiro Joracy Camargo, do qual gostariam de obter a permissão para levar a peça ao teatro judeu.

★

Pròximamente deverá chegar à Argentina o diretor mexicano Emilio Fernandez para dirigir dois filmes. Certamente o acompanhará o fotógrafo Figueiroa.

O AMANHÃ . . .

(Cont. da pág. 24)

como também um pouco da influência de seu pai.

No entanto, Holiday soube de tudo. Parte Jinx lhe contara e a sua intuição completou. Na manhã seguinte, durante o café, ela disse calmamente:

— Cinema coisa nenhuma — Cotter lhe dissera que havia ido a um cinema. — Ouvi dizer que a mulher que você e Jinx conheceram no outro dia tem um carro estrangeiro —embora calma, Holiday estava tremendo.

— Nem mesmo sei o seu nome nem onde mora.

— Não deve ser problema que um sujeito esperto como você não possa solver. Quer mais café? *Tome!* — ela virou-se ràpidamente e jogou-lhe o bule fervendo diretamente na cabeça de Cotter. Enquanto êle se desviava Holiday lançou-lhe uma xícara, leite e então açúcar, um após outro. Cotter se indireitou, sorrindo como um selvagem. Apenas a aproximação de Cotter foi o bastante, parecendo insuflar na moça desejos irreprimidos e ela também começou a sorrir.

— Um dêstes dias alguém ainda o vai matar — disse ela.

Êle a tomou em seus braços.

— Não há um só "tira" que tenha tal pontaria.

— Não me estou referindo a "tiras", mas a mim — ela se encostou a êle. — Creio que sou o que você me fêz. Aceitarei tudo de você... *menos uma outra mulher.*

Usando o nome de Paul Murphy, alguns dias depois, Cotter efetuou uma visita ao Inspetor Weber no City Hall. Tolgate exigia ação para que o caso Hartford fôsse solvido o mais breve possível, pois, com a morte do proprietário, que falecera no hospital em virtude da pancada que recebera, além de roubo tornara-se assassínio. Weber, no entanto, não teve outro remédio senão assinar uma licença de porte de armas para Paul Murphy, que alegava que dentro de pouco tempo teria de carregar altas quantias no bôlso. Em verdade, êle teria, mas, dinheiro conseguido através da violência, que encontrava abrigos nos bolsos de Weber, Reece, Mandon, Jinx e Cotetr.

Agora, Weber estava totalmente à disposição de Ralph Cotter que, além de torturá-lo de tôda a maneira possível, ainda o obrigara a tirar as suas impressões digitais do arquivo oficial e queimar o pequeno cartão que as continha. Com isso, êle sabia que nunca mais seria possível fazer com que "Paul Murphy" voltasse à cela que pertencera a Ralph Cotter.

Quando êle disse isso a Holiday ela sorriu selvagemente. No entanto, o fato de Cotter carregar aquela automática a deixava muitíssimo preocupada. Significava perigo, embora "perigo" fôsse outra palavra que o ex-companheiro de prisão de seu mano fêz com que ela apagasse de seu dicionário.

Em casa, Holiday não dispunha de meios para tomar conhecimento dos perigos que Ralph corria. Por isso, talvez supusesse que êle estivesse efetuando algum roubo numa noite que êle passou fora de casa, ao invés de saber que, em verdade, êle tinha transposto o limite do Estado e contraído matrimônio no vizinho. A noiva era Margaret Dobson. Cotter estava procurando evitar o perigo a todo custo e o casamento com uma dona como aquela lhe daria bastante dinheiro sem fazer fôrça. Porém, Ezra Dobson descobriu tudo e exigiu uma anulação. Cotter aceitou a anulação e recusou vinte-e-cinco mil dólares que os advogados de Dobson lhe haviam oferecido como pagamento.

Holiday a tudo ignorava. Excepto que Ralph tinha um plano para roubar tôda a féria que um "gangster" chamado Roamer obtinha de uma série de jogos que mantinha em todo o Estado. Ouvindo o plano, Holiday sentiu-se gelada de mêdo, fraca de terror; sòmente um louco o engendraria.

Por outro lado, Cotter estava confiante.

— Êles fazem isso há tanto tempo que já perderam o mêdo — disse êle.

Do agora inofensivo Weber, Cotter conseguiu um uniforme emprestado, prometendo-lhe, por isso, um têrço do resultado do assalto. Então, êle e Jinx, seguiram os dois cobradores até o último ponto onde deveriam cobrar o último pagamento de garantia do dia. Uniformizado, Cotter parou o carro — dizendo que era u'a multa por violação das regras de tráfego — e caminhou para êle com o revólver na mão. Jinx acompanhou-o.

Os corpos foram jogados numa profunda pedreira que havia nos arredores da cidade, dentro do carro. Não seriam achados dentro de tão pouco tempo e talvez jamais o fôssem.

Jinx apanhou Cotter e as bôlsas que continham o dinheiro e se dirigiu para o escritório de Weber e no caminho êle pôs roupas paisanas.

Sòmente quando Jinx chegou em seu apartamento com uma bôlsa contendo um têrço do assalto, Holiday deixou de preocupar-se. Mais uma vez a sorte os protegera, mas um dia ela se esqueceria dêles.

Jinx disse que Cotter havia ido ao escritório de Mandon entregar-lhe uma segunda bôlsa. Apesar de falar naturalmente, Jinx estava com mêdo. Não de ser prêso, mas de Cotter, que o deixara doente com as brutalidades que praticara àquela tarde. O seu mêdo se comunicou vagarosamente a Holiday, principalmente quando êle tentou explicá-lo.

— Sinto-me como um sujeito que está no andar superior de uma

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

À venda também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

CABELOS BRANCOS só tem quem quer

JUVENTUDE ALEXANDRE

Juventude Alexandre — BELEZA E VIGOR DOS CABELOS

USA E NÃO MUDA, quem os não quer

BIGODE DE SENHORAS E VERRUGAS

ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES

GUILHERME KLOTZ

AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO 1471 - SÃO PAULO

PEÇA CATALOGO GRATIS

casa que se esteja incendiando. A pessoa vai à janela para pular, mas... não há escadas. Se a pessoa pular, morre. Se fica exatamente onde está, também morre — Jinx queria escapar de qualquer maneira.

Cotter tinha-lhe ordenado que contasse o dinheiro e quando êle voltou, encontrou Jinx e Holiday entregues a essa tarefa. As notas estavam arrumadas em três pilhas na mesa de café.

Cotter estava sorrindo e assobiando de contentamento quando chegou. Carregava a maior garrafa que ela jamais vira.

— O que é isso — perguntou curiosa.

— Champagne. A bebida tradicional da vitória — desembrulhou outros pacotes. — Gêlo. Cálices. E aquilo — disse êle apontando para a mesa — é dinheiro...

Jinx criou coragem. Uma coragem nascida do mêdo, mas que não deixa de ser coragem, pois ainda é mais perigosa do que a natural. A bravura de Jinx era proveniente de seu desejo de sobrevivência.

— Não vou mais trabalhar com você. Não é seguro.

Cotter estreitou os olhos, como o fazia geralmente nos momentos quando u'a medida se tornava necessária. Fixou os olhos em Holiday e perguntou:

— E você?

— Você sabe como me sinto a seu respeito. Não o deixarei — respondeu ela simplesmente, embora desejasse que pudesse abandoná-lo.

— Nem tampouco, Jinx — a pouco e pouco um sorriso se debuxou nos lábios de Cotter e os seus olhos tornaram-se brilhantes como fogo. — Jinx, eu estava agora mesmo pensando sôbre aquêles três sujeitos na pedreira Se fôssem quatro, poderiam jogar *bridge*. Você joga *bridge*, Jinx?

Por um minuto Jinx olhou-o, amedrontado. Depois, apanhou o dinheiro que lhe cabia, pôs no bôlso e saiu ràpidamente do quarto. Cotter gargalhou e começou a abrir a champagne.

Holiday não estava gargalhando.

— Jinx está com mêdo, Ralph. Eu também estou amedrontada. Não por mim, mas por você. Alguma coisa há de acontecer se isso não parar. E você é tudo o que tenho...

Dois segundos depois Holiday estava em seus braços, pedindo-lhe que abandonasse os crimes, quando alguém bateu na porta, como se o próprio destino interrompesse. Era Mandon, que desejava ardentemente falar com Cotter, mas não na presença de Holiday. Finalmente, Cotter acedeu e foram conversar lá fora. Ela foi escutar tudo na janela, protegida pelo cortina.

— Você está em apuros — iniciou Mandon. — Em apuros dos quais não se livrará tão fàcilmente.

— Tenho uma garôta e champagne me esperando.

— Outra garôta e o seu pai acabaram de me fazer uma vista. O nome é Dobson. Podemos, sem muita dificuldade, manobrar Weber e o seu tenente. Mas ninguém manobra Dobson. De uma coisa, porém, fique certo: *proteger-me-ei*. Mesmo que isso signifique atirá-lo aos lôbos.

— Êles não têm coisissima alguma contra mim — argumentou Cotter.

— Você casou com a filha dêle.

Ao ouvir estas palavras Ralph Cotter sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha.

— O casamento foi anulado. Isto me deixa de fora — negou Cotter.

— Oh, não, de maneira alguma! Dobson começou a cavar e me descobriu. Antes de me deixar dar o fora, fêz-me prometer que levaria você à sua presença dentro de uma hora... E, você irá. Dentro de exatamente vinte minutos êle soltará os seus cachorros.

Cotter não teve outro jeito senão acompanhá-lo. Enquanto o barulho surdo de seus passos ecoavam no pavimento, Holiday apanhou a garrafa de champagne e a jogou contra a parede, quebrando-a em mil fragmentos.

Holiday agora compreendia o truque de Cotter. Tendo deixado a filha do milionário visivelmente sem interêsse de qualquer espécie, apenas aumentara nela o desejo de possuí-lo. Por sua vez, o milionário, sem outro remédio, teria de concordar com a escolha da filha, pois qual é o pai que gosta de ver um filho sofrer. Além do mais, Margaret era como se fôsse uma criança que crescera de mais. Apenas os seus gostos variavam um pouco. Ezra Dobson sabia perfeitamente que dentro de pouco tempo ela se cansaria de Cotter e procuraria um outro divertimento qualquer, apenas mais um brinquedo.

Mais tarde, enquanto aguardava a chegada de Cotter, alguém bateu na porta. Era um homenzinho a quem ela reconheceu imediatamente como sendo um dos guardas da prisão. Êle lhe entregou algo e ela compreendeu instantâneamente o que estava para acontecer a Cotter. Logo depois Cotter entrou, sorrindo como se estivesse lembrando-se dos beijos de Margaret Dobson.

— Então, você voltou! — Holiday mantinha as mãos escondidas atrás das costas.

— Vim buscar o meu dinheiro. Vou-me embora. Onde está o meu dinheiro?

— Vai mesmo? Vai mesmo embora? A sua moça rica e você? Em que direção?

— Em tôda a direção. E levarei o meu dinheiro comigo.

Ela jogou algo debaixo da mesa e Cotter apanhou imediatamente.

— O que é isso? — perguntou êle.

Era, realmente, a bala que havia morto o seu mano durante a fuga. Cobbet, o homenzinho que a visitara pouco antes a trouxera, pois havia sido subornado para entregar as armas ao seu irmão.

— Ela tem os miolos de meu irmão — disse Holiday. — Tiraram isso de sua cabeça antes de o enterrarem — ela alçou a voz. — Cobbet! — da porta de seu quarto emergiu o guarda. — Diga-lhe.

— Eu mesmo trouxe a bala. Foi atirada pelo revólver que você usou para fugir. Foi a única 38 usada. Os guardas tinham 30 - 30 e 45.

— Volte ao quarto — ela ordenou ao homem. Tirando as mãos das costas ela exibiu um revólver de trinta e oito milímetros, que estava escondido numa gaveta de Cotter.

— O revólver é êste. O revólver com o qual você matou o meu irmão.

Desnecessárias seriam quaisquer negativas. Ralph matara o irmão de Holiday a fim de facilitar a sua própria fuga. O garôto estava muito nervoso e ia atrapalhar tudo.

— Eis uma coisa que você não deve fazer — êle falava apressadamente, com os olhos fixos no revólver. — Mandei uma cópia do disco para o meu irmão e se êle não receber notícias minhas durante uma semana, saberá o que fazer. Todos vocês cairiam!

— Acaso você pensa que me importo? — a voz de Holiday não era mais do que um murmúrio. — Caminhei sempre ao seu lado... fui transformada... se você tem de culpar a alguém, êsse alguém será você mesmo.

— Espere! Essa outra moça... agora à noite falei com o seu pai — o valente bandido que havia matado um sem-número de gente sentia a sua coragem desaparecer. — Êle quer que eu movimente todo o dinheiro de sua filha para ela. Você já pensou no que isso possa significar?

Alguém batia à porta com um furor de autoridade. Nem um dos dois parecia escutar.

— Não faça nada do que possa vir a arrepender-se — Ralph agora implorava. — Amanhã seremos ricos. Tudo o que tenho a fazer é dizer sim ou não ao Dobson... amanhã...

— Você disse que vai embora hoje à noite. Irá... sòzinho. Pode beijar o amanhã, despedindo-se.

— Holiday, escute...

— *Você não devia ter matado o meu irmão* — sem mais preâmbulos, Holiday apertou o gatilho, prostrando-o. Êle procurou a sua automática, mas êle a guardara antes de ir falar com um homem importante. No entanto, Cotter apanhou o gargalo de uma garrafa e, cambaleando, se dirigiu para Holiday. Mais uma vez ela murmurou:

— *Você não devia ter matado o meu irmão* — Cotter se aproximava mais e mais. Ela apertou novamente o gatilho, mas o revólver falhou. Cotter estava a cêrca de um passo de distância. Levantou o braço, juntando tôda a sua fôrça e se preparava para desferir o golpe mortal. Holiday apertou o gatilho e desta vez o revólver atendeu ao seu dedo e um clarão iluminou o quarto. Cotter caiu. De suas mãos entreabertas o gargalo da garrafa de champagne, "a bebida tradicional da vitória", escorregou

A porta cedeu e dois enormes policiais entraram, tirando imediatamente o revólver de sua mão. Ela não se moveu. Cedo a duplicata de um disco seria tocada para o chefe de Polícia, Tolgat, trazendo justiça para Weber, Reece, Mandon, Jinx, Cobbet e Mason. Acima de tudo, certamente, para ela, que ajudara um criminoso a fugir. Tinha-o amado... tinha-o matado. O que estava para vir não importava. Êste quarto, êste momento significavam o fim de tudo. Não, a face imóvel de Ralph Cotter, a expressão nela estampada, marcava o verdadeiro final.

A MÚSICA POPULAR . . .

(Cont. da pág. 25)

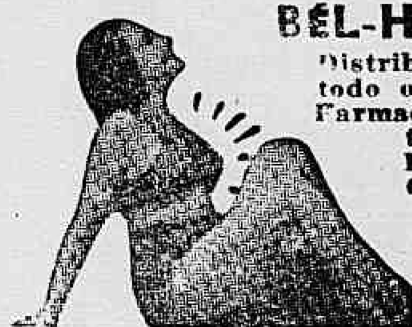
Goodman, um solo de Art Tatum e um «dixieland» pelos Capitól Jazzmen. A Victor por sua vez ignorou lamentàvelmente a existência de Charlie Ventura, Count Basie e Dizzy Gillespie em seu catálogo, não editando um só disco dêsses seus artistas. A IEM nada lançou de jazz. Seu único disco do gênero foi «Limehous e Blues» de Harry James, assim mesmo lançado porque fazia parte do «score» do filme «Êxito Fugaz». Uma face apenas, a lançada inadvertidamente. E do mesmo modo a IEM, em suas importações da Inglaterra, brindou, sem querer, o público carioca com as primeiras gravações do quinteto de George Shearing, o magnífico pianista cego, cujo pentágono vem desfrutando imensa popularidade em todo o mundo. Seus discos «Good to the Last Bop», «September in The Rain», «I Didn't Know What Time It Was», «I'll Remember April», «East of the Sun» e «The Continental» foram um legítimo «salvado de incêndio». Os grandes sucessos do ano no gênero — «Just Friends» de Charlie Parker, «Jolly Rogers» de Stan Kenton e «Early Autumn» de Woody Herman — não chegaram até ao grande público. Vamos ver se em 51, com a nova e esclarecida direção artística da Capitol liderando o movimento, teremos um repertório jazzístico nas listas nacionais à altura da popularidade que êste gênero desfrutava entre o nosso público, até há poucos anos.

E, finalmente, como nota dolorosa, vimos em 50 o desaparecimento de grandes figuras da música popular internacional, como o cantor Al Jolson, os trumpetistas Fats Navarro e Al Killian, o maestro argentino Francisco Lomuto, o flautista Esy Moralês e o saxofonista Freddy Gardner.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 83 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



ORLANDO VILAR

NO momento, Orlando Villar, juntamente com Anselmo Duarte, Lewgoy e Mário Sérgio, é um dos atores mais cotados nos estúdios brasileiros. Há quem o ache simplesmente notável, mas também existe quem não suporte sequer a presença fotográfica do moreninho amável. A vida de Orlando Villar anterior ao cinema é um mistério. Uns afirmam que se trata de um gaúcho radicado nas rodas boêmias de Copacabana, outros dizem que é um pilantra da Bahia muito «viajado» e muito sabido (mais sabido que talentoso, garantem!...) outros finalmente são neutros, na questão... «Cavalo 13» foi o pano-de-amostra de Orlando Villar: uma estampa interessante, uma voz profundamente afonogênica, alguns dedos de boa vontade. Depois veio «Caminhos do Sul» onde o cafagestismo predominava. Dificil julgar Orlando Villar. Apareceu então «Quando a noite acaba» e algumas esperanças surgiram. Mas, ai, ó Céus, é deuses da Sétima, ó barca Sétima, ó atômica, ó raios!... «O Noivo de Minha Mulher» surgiu com uma desgraça total na carreira de Orlandinho. Suas fãs choraram lágrimas, que lhes rolam nas faces para socorrê-las. Agora «Presença de Anita», um romance que deveria ter sido realizado como o original, mas que a falta de escrúpulo comercial dos responsáveis (inclusive o autor da própria novela original, metido a cenarista) levou a programar tipos completamente diferentes dos que os personagens pediam, levou Orlando Villar ao papel de Eduardo, um indivíduo insatisfeito e incompreendido. Anita deveria ter sido Maria Della Costa: só ela seria capaz de «viver» essa fabulosa mulher! No entanto, confiamos em que Antoinette Morineau soube valorizar essa sua grande oportunidade. Verinha Nunes, uma esplêndida atriz, no palco como na tela, não é, entretanto, de modo absoluto, Diana. Todavia, vamos esperar o filme de Maristela para um julgamento mais acertado. E vocês fãs de Villar torçam para que o Eduardo seja tudo menos um cafageste a mais...

★



SHIRLEY TEMPLE

A ex-menina prodígio, agora ex-espôsa de John Agar, enfermeira voluntária, e mediocre atriz de cinema Shirley Temple (outro detalhe: milionária, também) nasceu em Santa Mônica, Califórnia, Estados-Unidos da América, a 23 de abril de 1929. Cabelos e olhos castanhos-claros. Começou no cinema em 1932 (com 4 anos apenas) num filmezinho da Educational: «Frolice of Youth». Depois filmou para a Universal, Paramount, Fox (onde ficou a maior parte de sua carreira), United, Colúmbia, Metro, Warner e RKO Radio. Pela ordem, eis os seus filmes: — «Red Haired Alibi», «Her first love», «Rixa Antiga», «Queridinha da Família», «Olhos Encantadores», «Alegria de Viver», «O Primeiro Amor», «Dada em Penhor», «Agora e Sempre», «A Mascote do Regimento», «A Nossa Gorôta», «A Pequena Rebelde», «Anjo do Faril», «A Pobre Menina Rica», «Princesinha das Ruas», «A Pequena Clandestina», «A Queridinha do Vovô», «Heidi», «Sonho de Moça», «Miss Broadway», «Anjo da Felicidade», «A Princesinha», «Susana», «Pássaro Azul», «Mocidade», «Kathleen», «Miss Annie Rooney», «Desde que partiste», «Verte-ei outra vez», «Ninguém vive sem amor», «Amor de duas vidas», «Solteirão Cobiçado», «Marcada pela calúnia», «Sangue de heróis», «O Gênio vai para a Escola», «Uma mulher contra o mundo», «Têmpera de Vencedor», e «O Éco dum Beijo».



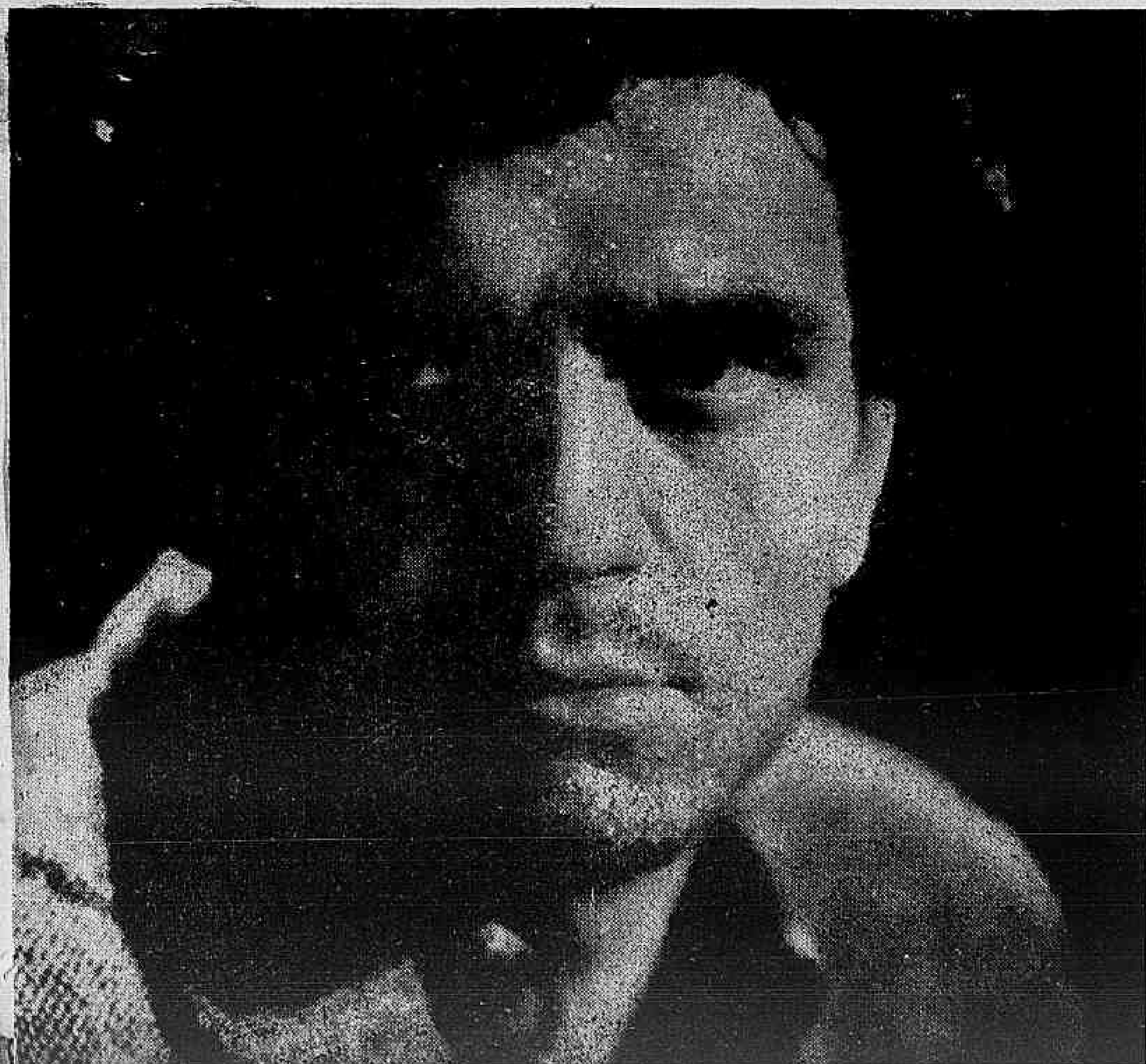
JANE GRAY

O verdadeiro nome de Jane Gray é Jane Wiltenburg. Por incrível que pareça, a loura existencialista é brasileira. Nasceu na capital de S. Paulo, Brasil, a 6 de outubro de 1926. Aos doze anos ingressou no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. E' loura de verdade, pesa 56 quilos e mede 1,64 ms. de altura. Olhos azuis, lábios bem desenhados e um sorriso interessante. Bem humorada quase sempre, fala sem retórica, e diz as coisas francamente. Adora esportes ao ar livre e por isso ingressou como membro do Clube de Nudismo e Naturismo, de Luz del Fuego. Admiradora fervorosa dos contos de Guy de Maupassant. Solteira, tem um corpo muito bem feito e adora crianças de menos de 5 anos. Prefere os cinemas italiano e francês. Estreou na vida artística em 1942 cantando no Cassino da Urca. Em seguida trabalhou como cantora e bailarina no Cassino Atlântico, Quitandinha e em Poços de Caldas. No teatro apareceu em 1949, descoberta por Geysa Boscoli. Atuou no Jardel e no Follies. Também cantou em «shows» de George Brass e Arnaldo Costa. Já apareceu nos seguintes filmes: «A inconveniência de ser espôsa», «Maior que o ódio» e «O Meu dia Chegará».

★

HENRI VIDAL

HENRI VIDAL nasceu em Paris, França, numa data qualquer do ano de 1920. Antes de entrar para o cinema, onde se tornaria astro internacional, popular e famoso, graças ao seu inegável talento, Henri Vidal exercitou-se no teatro. Aos 20 anos, em 1941, entrou pela primeira vez em um estúdio cinematográfico, e dali não mais saiu, a não ser para namorar Michèle Morgan, e casar-se com ela, depois de juntos realizarem «Fabíola», na Itália. Seus filmes até agora foram «Montmartre-sur-Seine», «L'Ange de la nuit», «Etrange Destin», «L'Eventail», «Fabíola», «Os Malditos» (Premiado no Festival de Cannes), «Mulheres e Víboras» (onde aparece secundando a sensacional Françoise Arnoul), «A Bela de Paris» (com sua espôsa Michèle Morgan).



ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANETA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.



E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".



À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL
PREÇO: — Cr$ 20,00



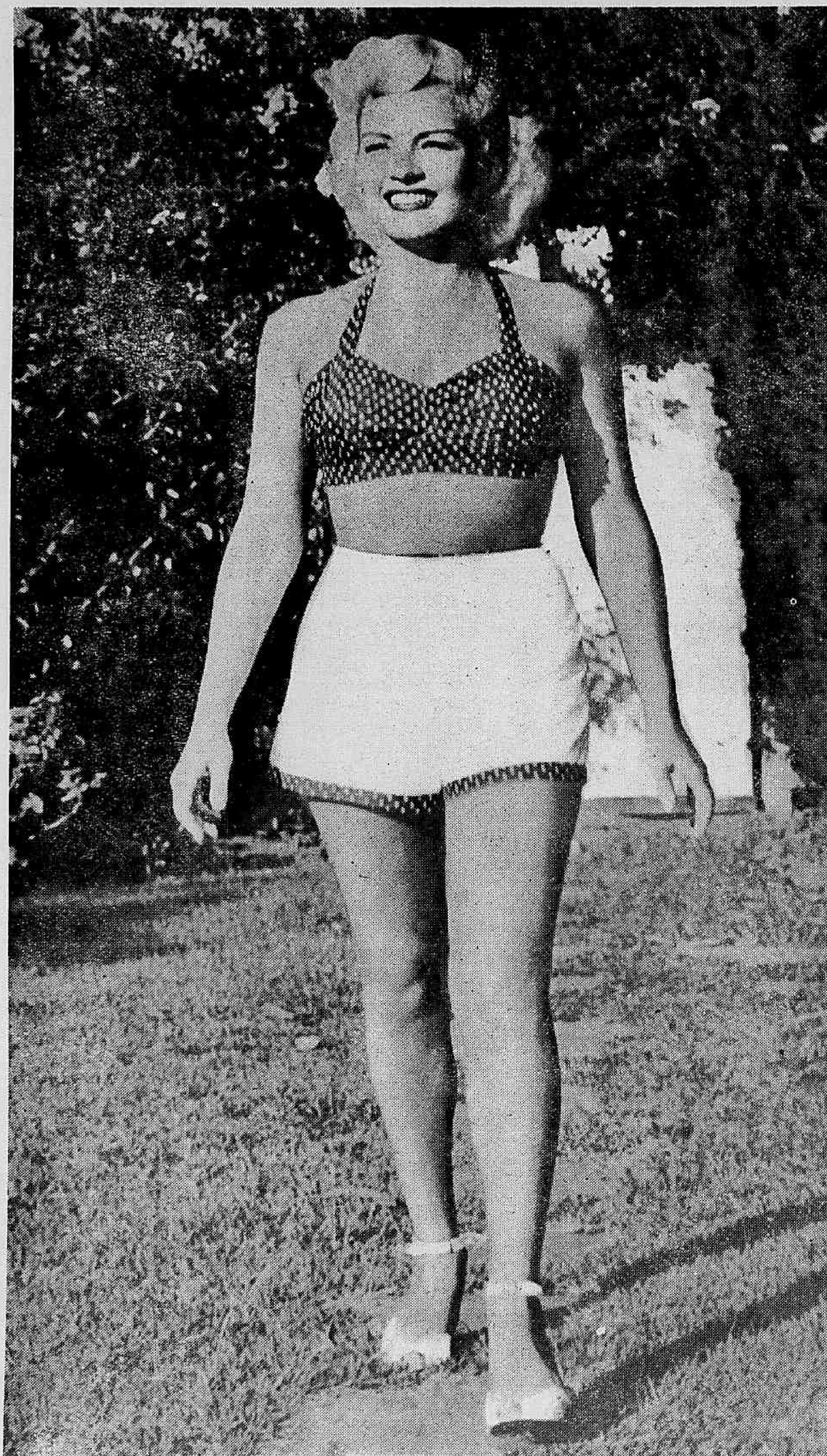
ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.



CIA. EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
— RIO DE JANEIRO —

Pausa para meditação



BETTY GRABLE (20th C. Fox)

Mexericos

Em Blacckwell. Oaklahoma, a temperamental atriz cinematográfica Katherine Hepburn foi multada em dez dolares em virtude de excesso de velocidade, pois a estrêla estava dirigindo à 8 milhas por hora. No dia seguinte compareceu à Côrte, tentando por todos os meios livrar-se da multa. Perdendo a paciência, a estrêla perdeu o contrôle de palavras que estavam saindo de sua boca à 100 milhas por hora e, deixando uma cortina de fumaça, recuou e teve a má sorte de encostar o seu casaco de arminho à lareira. Quando o juiz tentou acalmá-la, dizendo:

— Provàvelmente não causou muitos danos a êsse casaco de mil dólares...»

— Mil dólares? — Retorquiu a estrêla afobadamente. — Êste casaco me custou cinco mil e quinhentos dólares...

★

Depois de uma latiníssima cena de amor com Linda Darnell, Paul Douglas, de 43 anos de idade, que machucara algumas cartilagens das costelas há uma semana atrás, deixando-as soltas, teve de voltar novamente ao médico para tornar a consertar. A primeira vez foi devido a uma cena de jôgo de futebol...

★

Depois de uma série de brigas com a sua terceira espôsa, Martha Vickers, o popular ator Mickey Rooney, de 30 anos de idade, deixou o seu lar para ir residir em companhia de sua mãe por algum tempo.

★

Há muito tempo atrás Bette Davis deu uma entrevista intitulada: «O Sucesso é a Minha Vingança». Janet Blair agora poderá perfeitamente agir da mesma maneira, pois conseguiu um retumbante èxito interpretando o papel principal de «South Pacific». Quando voltou a Hollywood, produtores que não a viam há mais de doze anos lhe telefonaram, perguntando se queria assinar um contrato para fazer um filme, ótimo salário, etc.

★

Peter Lawford anda sendo afagado constantemente pela idéia de ser considerado o maior D. Juan de Hollywood. E' impossivel que apareça u'a mulher importante na meca do cinema que não seja vista dois ou três dias depois com o ator da Metro, dando uma ronda pelos «night clubs». A sua última conquista é Nancy Oakes, com quem tem sido visto insistentemente em mundialmente conhecidas casas de diversões.

★

Além de sócios na vida particular, pois são casados há dez anos, Desi Arnaz e Lucille Ball agora se associam no comércio, fundando a Desilu Productions. Produzirão revistas de vaudeville, shows de televisão e cinematográficos, co-estrelados nas três atividades...

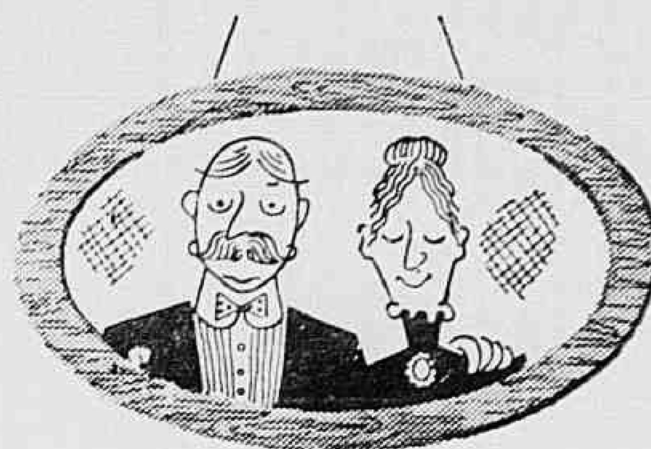
★

Alguém perguntou a Richard Conte qual a situação mais «engraçada» que se lhe deparara em sua vida cinematográfica, e o ator respondeu:

— Uma cena de amor com Susan Hayward... O seu cabelo insistia em resvalar sôbre o meu rosto, fazendo-me rir, pois sentia cócegas. Essa foi uma situação bem engraçada...

DE SABOR BEM NOSSO...

– o licor da família brasileira!



Há quarenta anos o
Licor de Cacau Dubar
vem deliciando
o paladar dos que
sabem escolher.
Peça Licor de Cacau
Dubar e estará
pedindo o melhor.



LICOR DE CACAU DUBAR

em ½ litro
ou 1 litro



DUBAR *há uma delícia Dubar para cada paladar*

Standard

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 165 - 1.° andar

SANTOS
Rua Martim Affonso, 163



AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL — APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

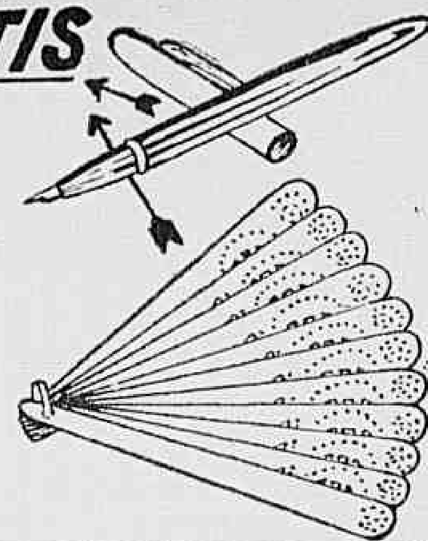
GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00 enviaremos um colar com linda medalha de prata, com gravação de um verso religioso

CASAS ROULIEN

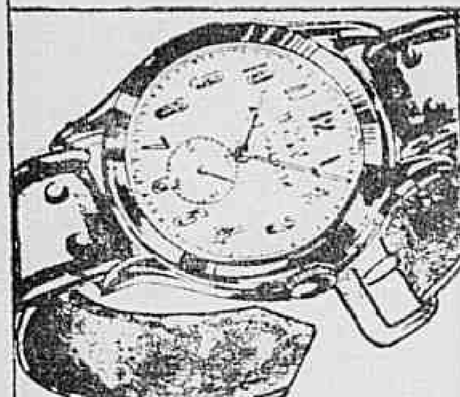
Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950. por precode reclame.

GRATIS



Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artistico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho.

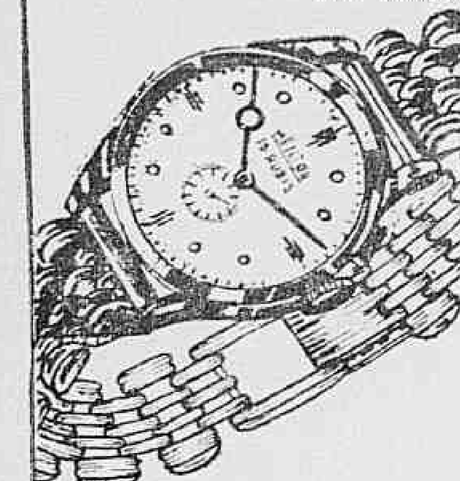
Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.



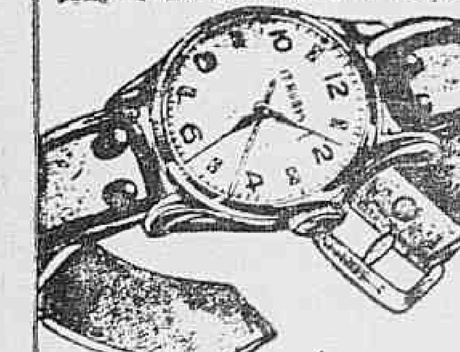
34188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis. Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



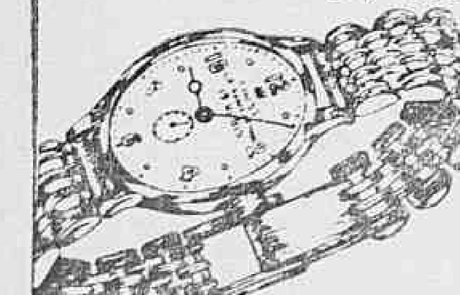
34189 - CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



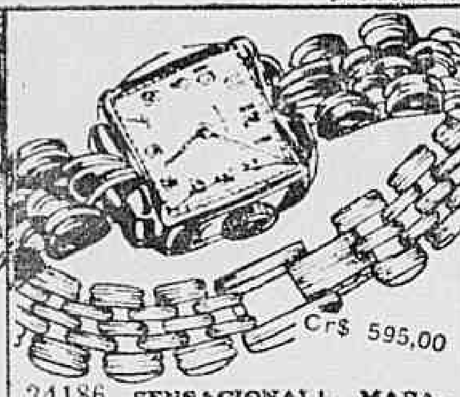
34187 - SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM!...Cr$ 425,00



34161 - EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00

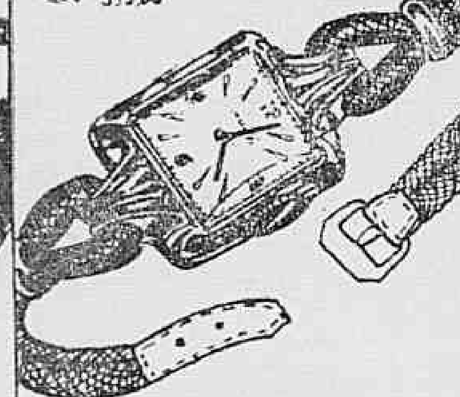


34191 — DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia — Cr$ 575,00

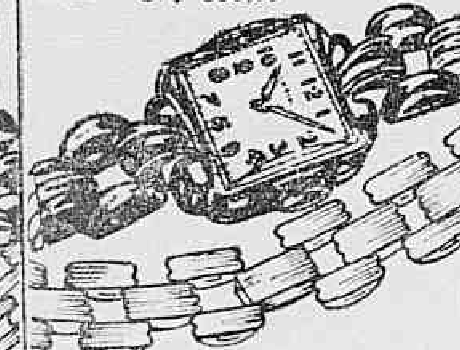


Cr$ 595,00

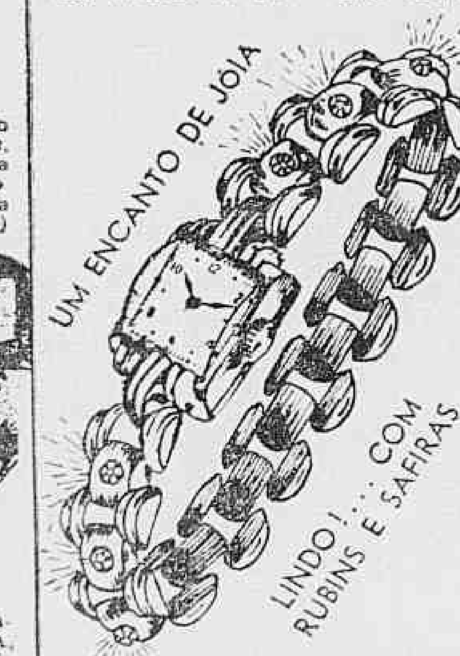
34186 SENSACIONAL!... MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



34185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



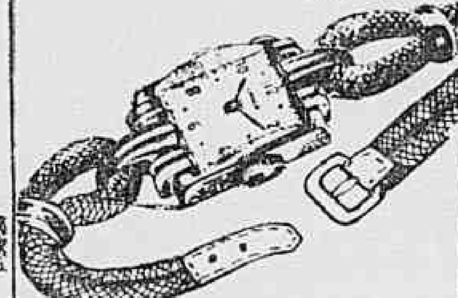
34111 - LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Envie-nos medida do pulso. Cr$ 489,00



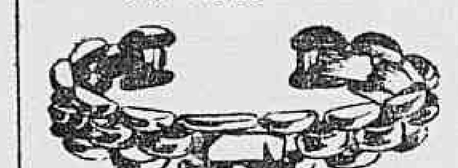
34184 — DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações. Cr$ Cr$ 655,00



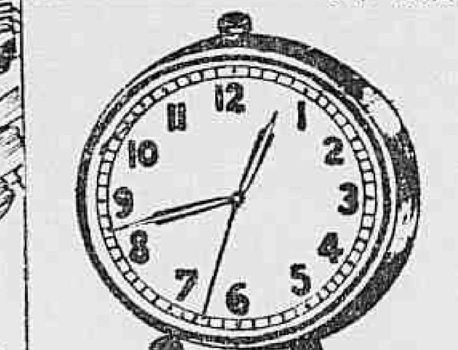
34139 - Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 198,00



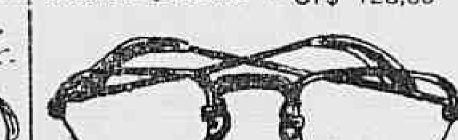
34183 — MARAVILHOSO, ANTI-MAGNETICO, para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



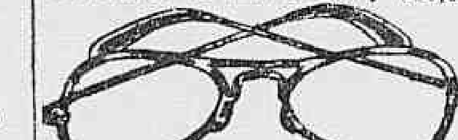
34180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envie-nos a medida do pulso Cr$ 133,00



34144 — DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



34099 — ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça — Cr$ 125,00



34100 — DISTINTO oculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



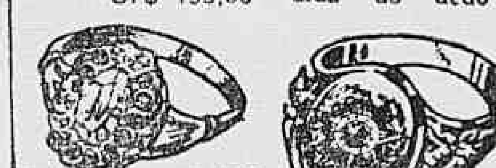
34174 - ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANÉIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



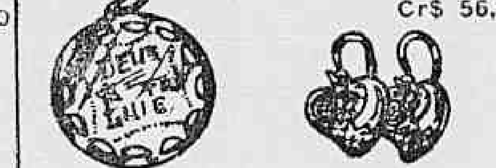
34172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ Cr$ 101,00 Par Cr$ 195,00

34159 - DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



34165 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo, em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00

34162 - ANEL em prata de lei, com a estrêla da República em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00



34163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

34170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia — Cr$ 122,00





34140 COLARES DE PÉROLAS — Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00
34141 Com duas voltas Cr$ 89,00
34142 Com três voltas Cr$ 136,00



34107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00

ACEITAMOS REPRESENTANTES IDONEOS E COM ÓTIMAS REFERENCIAS. PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.



34203 - DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00

EMBELEZE O SEU RELÓGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



34167 - DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeirissima qualidade — Cr$ 95,00

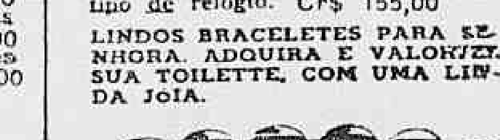


34192 — DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia. Cr$ 172,00



34169 - BELISSIMA pulseira para relogio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

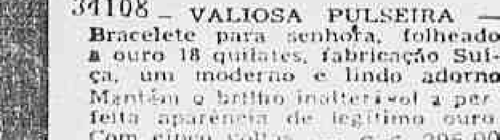
LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JOIA.





34693 - MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia, com cravação de rubis Cr$ 299,00 Não confundir com imitaçoes.





34108 - VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legítimo ouro Com cinco voltas .... Cr$ 295,00

As CASAS ROULIEN Garantem aos seus fregueses, preços mínimos, qualidade, remessa rapida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. PEDIDOS AS CASAS ROULIEN Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 1.º e 2.º Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - TEL. 49-0419

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo ha mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos.

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUEZES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM A DOMICÍLIO — FONE 49-0419